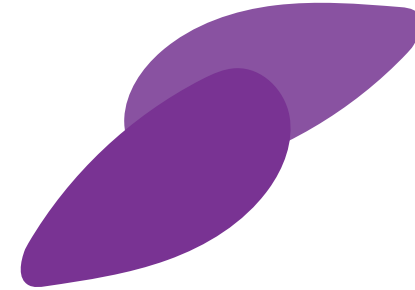




“Yoga é a viagem do ser, através do ser e para o ser”
- Bhagavad Gita

Um espaço holístico: yoga e arquitetura



Natália Fleury Guedes de Oliveira

Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Natália Fleury Guedes de Oliveira

11511ARQ035

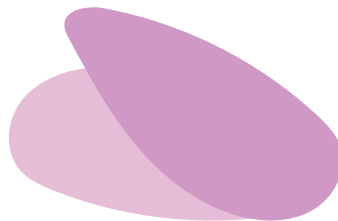
Orientação: Cláudia dos Reis

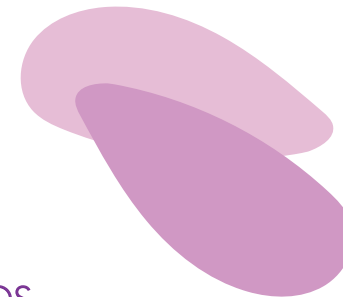
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design - FAUeD

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

2019/2

Uberlândia, Minas Gerais.



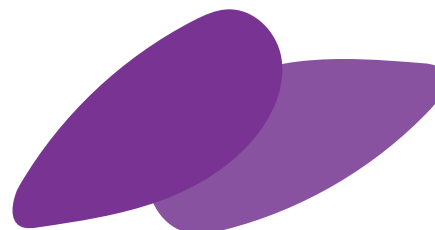


AGRADECIMENTOS

À energia Divina, minha devoção.

Honro minha ancestralidade que me presenteia com força e energia.

Minha profunda gratidão à minha família pelas lições e valores que fazem parte de quem eu sou, e assim orientam a busca da minha essência. Meus amigos que me acompanharam de perto essa etapa com carinho e cumplicidade. Ao meu companheiro de vida por me mostrar uma faceta leve da vida e caminhar comigo na busca pela evolução. Minha eterna gratidão ao saber e a forma transmitida, principalmente à minha orientadora Cláudia dos Reis e professora Giovanna Vital que me proporcionaram uma reflexão profunda que subsidiaram todo o processo projetual. Aos meus professores de prática de Yoga, por proporcionarem o contato com essa filosofia maravilhosa e pela capacidade de direcionar o olhar para o interno, e ver o mundo a partir da energia amorosa que reside no coração.



LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mudança entre figura e fundo de objetos para relações. 11

Figura 02: Interconexão das quatro perspectivas sobre a vida, representada como um tetraedro. 11

Figura 03: Diagrama sobre os 8 sustentáculos do Yoga. 13

Figura 04: Interior Igreja da Cruz de Tadao Ando, experiência imersiva. 16

Figura 05: Fotografia com a técnica de longa exposição, reflete o relaxamento e imensidão da paisagem. 16

Figura 06: Fotos internas do Crematório de Baumschulenweg. 17

Figura 07: Fotos internas do Crematório de Baumschulenweg. 17

Figura 08: Jardim do exílio, Museu Judaico de Berlim. 18

Figura 09: Recepção e salas de atendimento Premavati. 20

Figura 10: Corredor contínuo de acesso Premavatu. 20

Figura 11: Relação insolação com as salas de prática Premavati. 20

Figura 12: Sala de yoga e relação com jardim Premavati. 20

Figura 13: Fonte escultural e jardim entre blocos Premavati. 20

Figura 14: Fachada recepção e jardim Premavati. 21

Figura 15: Corte longitudinal Premavati. 21

Figura 16: Planta baixa Premavati. 21

Figura 17: Fachada Crematorium Baumschulenweg. 22

Figura 18: Sala de cerimônia Crematorium Baumschulenweg. 22

Figura 19: Inserção urbana Crematorium Baumschulenweg. 23

Figura 20: Espaço configurado pelos pilares. 23

Figura 21: Entrada sala de cerimônia. 23

Figura 22: Fachada oposta Crematorium Baumschulenweg. 23

Figura 23: Planta baixa Crematorium Baumschulenweg. 23

Figura 24: Corte Transversal. 24

Figura 25: Corte Longitudinal. 24

Figura 26: Vista esquemática do Templo da Água. 26

Figura 27: Inserção edifício no lugar Igreja sobre a água. 26

Figura 28: Escada acesso Templo da Água. 26

Figura 29: Sala de cerimônia. 26

Figura 30: Vista aérea Templo da Água. 26

Figura 31: Planta de situação Templo da Água. 27

Figura 32: Planta baixa Templo da Água. 27

Figura 33: Localização geográfica da cidade de Itumbiara. 29

Figura 34: Dados do município. 29

Figura 35: Foto histórica da antiga travessia realizada por balsa no Rio Paranaíba, que deu origem à construção do porto e mais adiante a ponte Afonso Pena, marcando a divisa de estados: Goiás - Minas Gerais. 30

Figura 36: Ponte Afonso Pena, que marca a divisa inter-estadual, atualmente configura-se como a ponte pêncl mais antiga do país. 30

Figura 37: Primeiro mapa com os limites municipais, após a emancipação de Itumbiara como comarca e seus distritos. 30

Figura 38: Vista aérea ocupação urbana da cidade e o desenho do Rio Paranaíba. 30

Figura 39: Mapa evolução urbana. 31

Figura 40: Imagem aérea zona central de Itumbiara. 32

Figura 41: Mapa cheios e vazios. 32

Figura 42: Mapa Hierarquia viária. 32

Figura 43: Mapa áreas verdes. 33

Figura 44: Mapa uso e ocupação do solo. 33

Figura 45: Infográficos legislativos. 34

Figura 46: Análise climática terreno. 37

Figura 47: Setorização. 38

Figura 48: Análise fluxos. 38

Figura 49: Planta de Situação. 40

Figura 50: Planta de Implantação. 41

Figura 51: Vista panorâmica interior do espaço. 42

Figura 52: Fachada entrada espaço OHM Rua Padre Antônio. 43

Figura 53: Fachada Rua Franklin Xavier. 43

- Figura 54: Colagem gráfica espaço OHM. 43
- Figura 55: Espaço do chai recepção. 43
- Figura 56: Balanços de tecido sob pergolado. 44
- Figura 57: Apropriação praça seca.44
- Figura 58: Colagem gráfica espaço OHM. 44
- Figura 59: Jardim contemplativo. 44
- Figura 60: Sala de yoga com iluminação noturna. 45
- Figura 61: Mini biblioteca. 45
- Figura 62: Relação elementos naturais. 45
- Figura 63: Relação jardim e salas de yoga. 46

LISTA DE TABELAS

- Tabela 01: Síntese pontos relevantes estudo de caso. 28
- Tabela 02: Organização ambientes e dimensionamento. 39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 09

1. DEFINIÇÕES CONCEITUAIS 10

1.1 O pensamento clássico mecanicista 10

1.2 A concepção do pensamento sistêmico 11

1.3. Fundamentos do Yoga e a concepção holística do ser 12

1.3.1 A prática de yoga 12

2. ARQUITETURA E A INTEGRAÇÃO DO SER 15

2.1. Arquitetura imaterial 15

2.2. Espaço e lugar 15

2.3. Elementos projetuais 16

3. REFERÊNCIAS PROJETUAIS 19

ESPAÇO DE YOGA PREMAVATI 19

CREMATORIUM BAUMSCHULENWEG 22

TEMPLO DA ÁGUA 25

4. ÁREA DE INTERVENÇÃO 29

4.1 O contexto local 29

4.2 Imagem aérea zona central de Itumbiara 32

4.3 Legislação 33

5. DIRETRIZES PROJETUAIS 35

5.1 Conceito - Mapa mental 35

5.2 Pré dimensionamento 38

5.3 Setorização 38

5.4 Análise Fluxos 40

5.5 O projeto 41

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 47

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 48



INTRODUÇÃO

A gênese do trabalho aqui apresentado está ligada ao desejo de explorar o universo, por vezes poético e outrora complexo que permeia a filosofia do Yoga. O predomínio da integração de várias facetas para a construção do pensamento que rege essa filosofia, despertou a ideia de alinhar a arquitetura ao contexto, que assim como a referida é composta por um arcabouço conceitual, fenomenológico e formal.

Propor o elo entre os mesmos, por meio da produção arquitetônica, no sentido de referenciar a própria etimologia da palavra “yoga”, do sânscrito: unir, é a força motriz desse trabalho.

Como forma de contextualizar diante às linhagens científicas mais difundidas, faz-se uma breve conceituação do pensamento mecanicistas, ligado à base da ciência e filosofia clássica, que com o advento do tempo e novas descobertas dá lugar ao desenvolvimento do pensamento sistêmico ou holístico. Assim têm-se embasamento para reflexões projetuais que caminham para tomadas de decisões assertivas e promovam uma vivência de projeto alinhada ao que se propõe: um espaço facilitador da busca do ser com sua essência.

1. DEFINIÇÕES CONCEITUAIS

1.1. O pensamento clássico mecanicista

No sentido de fornecer uma contextualização teórica no que tange a evolução da concepção sistêmica da vida, é de grande valia a explanação de informações históricas, características e principais conceitos que regem esse assunto. E assim embasar de forma concisa e clara as linhagens filosóficas, responsáveis por trilhar desde as primeiras visões de mundo até a origem vanguardista do pensamento sistêmico (atenta-se para o uso da palavra holística como parte da semântica que compõe a definição de sistêmica).

No período que antecede os anos de 1500 as civilizações em geral bem como a europeia eram regidas por uma visão de mundo orgânica, ou seja as pequenas comunidades existentes se organizavam de forma coesa, experienciavam a natureza no âmbito dos relacionamentos pessoais, marcados pela relação de interdependência entre a concepção espiritual e material, submetendo as necessidades individuais em benefício do coletivo. A base a qual essa visão se apoiava permeava entre a Igreja e Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), vale ressaltar a contribuição de Tomás de Aquino no século XIII, ao acrescentar a teologia e a ética cristã nesse arcabouço científico que perdurou durante toda a Idade Média. A síntese desse pensamento é descrita por MERCHANT (1980, p. 3):

A imagem da Terra como um organismo vivo e uma mãe que cuida e que nutre serviu como um limite cultural, que restringia as ações dos seres humanos. Não se mata prontamente uma mãe, não se escava suas entranhas à procura de ouro, e não se mutila o seu corpo... Quando a Terra era considerada viva e sensível, também se podia considerar uma violação do comportamento ético humano realizar atos destrutivos contra ela.

O espaço temporal compreendido pelos séculos XVI e XVII, é marcado pelo rompimento com o pensamento medieval, aflorando assim novos ideais científicos e filosóficos, marcando a Idade Moderna (séc. XV). A Revolução Científica liderada pelos grandes nomes da astronomia e física, Copérnico (1473-1543), Galileu (1564-1642) e Newton (1643-1727), culminou em uma visão de mundo mecanicista. Assim classifica-se o universo material como uma máquina, sendo que a imagem mecânica da natureza se transformou em um paradigma dominante da ciência no período seguinte a Descartes (1596-1650). Apenas no século XX inéditas descobertas da física serão capazes de fomentar mudanças bruscas. Os efeitos da visão mecanicista são descritos por CAPRA (2014, p. 49):

Toda a elaboração da ciência mecanicista nos séculos XVII, XVIII e XIX, inclusive a grande síntese de Newton, foi apenas o desenvolvimento da ideia cartesiana. Descartes forneceu ao pensamento científico o seu arcabouço geral – a visão da natureza como uma máquina perfeita, governada por leis matemáticas exatas.

A visão cartesiana defendida por Descartes (1596-1650), o universo material é concebido como uma máquina, e apenas uma máquina. Assim infere-se que é possível compreender todos os aspectos de estruturas complexas: plantas, animais e corpo humano, reduzindo-os às menores partes que as formam. Nesse contexto observa-se uma falácia visto que um organismo não tem suas partes menores, moléculas, com suas propriedades explicadas unicamente por meio de moléculas; existem uma série de propriedades essenciais que auxiliam na compreensão do todo. Capra (2014) defende que essas propriedades do sistema vivo são emergentes, e não são encontradas em nenhuma de suas partes, são oriundas ao nível do sistema como um todo.

1.2. A concepção do pensamento sistêmico

O afloramento do paradigma sistêmico está ligado a virada do século XIX, com os novos adventos da biologia organísmica, (liderada por Harrison, Henderson e Woodger) responsável por explorar os aspectos de "padrão de organização" como uma configuração de relações ordenadas. Bem como o uso da palavra "sistema" para indicar organismos vivos e sistemas sociais. As constatações subsequentes apontam para a significação do sistema como uma totalidade integrada, na qual os atributos notórios emergem das relações entre suas partes, e "pensamento sistêmico" passou a simbolizar a compreensão de um fenômeno inserido no contexto de um todo maior. Assim reconhece-se a terminologia "sistema" em sua forma literal advinda do grego *syn* + *histanai* - colocar junto -. A característica primor-

dial do pensamento sistêmico é a mudança de perspectiva da escala elementar para o conjunto. Para Capra (1997 p. 114), "a mudança das partes para o todo também pode ser reconhecida como uma mudança de objetos para relações".

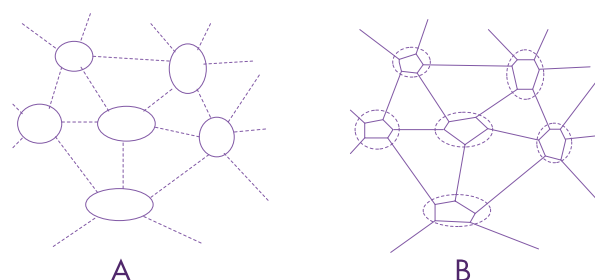


Figura 1: Mudança entre figura e fundo de objetos para relações.

Fonte: Capra, 1997.

De maneira complementar à essa nova concepção científica, os psicólogos alemães concebem a Gestalpsychologie [Psicologia da Gestalt], responsável pelo surgimento da defesa na qual a mente humana e o comportamento são vistos de caráter integrado com o todo. Essa corrente filosófica elucidou conceitos dentro do contexto sistêmico, Ehrenfels (citado em CAPRA 2014) definiu uma Gestalt ao afirmar que "o todo é mais do que a soma das partes". Logo mais essa seria a chave para o pensamento sistêmico.

Uma profunda revolução na história do pensamento científico ocidental foi orquestrada por esse novo modelo de concepção de ideias. Os efeitos vanguardistas foram compartilhados também pela física quântica no domínio dos átomos e das partícu-

las subatômicas, direcionando os físicos a olhar o universo como uma teia interconectada, na qual as relações são compreendidas através das conexões com o todo.

O domínio social vivenciado pelo ser humano abriga uma gama de fenômenos: normas de comportamento, valores, desígnios, planejamentos, estratégias, idealizações e relações de poder, que compõe o arcabouço conceitual integrativo da natureza humana. Para melhor compreensão desses fenômenos sociais, sugere-se que seja considerado a integração de quatro perspectivas – forma, matéria, processo e significado-, de maneira que essas dimensões estão dispostas de maneira interconectada. Essa relação é sintetizada de maneira ilustrativa:

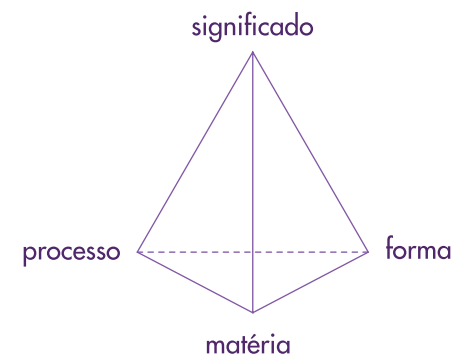


Figura 2: Interconexão das quatro perspectivas sobre a vida, representada como um tetraedro.

Fonte: Capra, 2002.

É válido ressaltar a posição hierárquica do significado, o vértice principal que origina a figura do tetraedro, sendo essa característica a responsável

por guiar a rede conceitual e elucidar a dimensão “interior”.

A nova maneira de entender a vida, a qual os conceitos abordados se destinam, traz efeitos inéditos em vários campos de estudo das ciências humanas, como é o caso da saúde (campo com maior afinidade ao tema tratado nesse estudo que carece de uma breve explicação). A abordagem sistêmica da saúde elucidada o conceito integrativo de cura e aponta para a saúde como uma experiência subjetiva, particular de cada ser na qual sua presença ou falta é descrita pela interação de fatores internos e externos e a maneira própria de resposta de cada indivíduo aos mesmos. Assim pode-se considerar a saúde como um processo de múltiplas dimensões, que permeiam os níveis individual, social e ecológico, como descreve CAPRA (1982, p. 32):

“Um estado de bem-estar, resultante de um equilíbrio dinâmico que envolve os aspectos físicos e psicológicos do organismo, bem como suas interações com seu ambiente natural e social.”

Em virtude dessas explicações, fica claro o alto potencial do pensamento sistêmico em encarar as adversidades da experiência humana, podendo ser aplicado as suas mais diversas facetas. A abordagem conceitual a qual se propõe representa um ganho na maneira de enxergar o mundo, inserido em um universo infinito de causalidades interconectadas, formando assim a teia da vida.

1.3. Fundamentos do Yoga e a concepção holística do ser

Fruto dos seis sistemas ortodoxos da filosofia hindu, o Yoga teve sua sistematização coordenada por *Patanjali* em sua obra clássica, “Os yoga sutras” (2015)*, que comporta cento e oitenta e cinco lacônicos aforismos. A palavra yoga advém da raiz sânscrita “yuj”, que significa “juntar”, “atar”, “reunir”, “concentrar atenção sobre”. Pode significar também “união”, “comunhão”. Para Mahadev Desai (um ativista pela independência indiana, escritor de vários ensinamentos de Gandhi) ao elaborar a introdução a *Gita segundo Gandhi*, essa união pode ser explicada como junção de todas as forças, incluindo corpo físico e mente, e da alma com o Criador, é capaz de ilustrar a disciplina do intelecto, das emoções e da vontade. Dessa forma explica o propósito do Yoga. E complementa dizendo que o Yoga “significa uma atitude da alma que permite alguém encarar a vida em todos dos seus aspectos com equanimidade.” (*The Concise Light on Yoga*, 1987 p.17 – Tradução livre da autora)

Uma importante obra dentro da vertente de explicação filosófica dessa ciência é o *Bhagavad-Gita* que revela um novo significado para o Yoga, não contraditório as outras obras, mas complementar, onde o traz como uma libertação do contato com a dor e a tristeza. Além da comparação com elementos orgânicos:

“Assim como um diamante bem lapidado tem muitas facetas, refletindo cada uma delas uma luz de cor diferente, assim também, com a palavra “yoga”, cada faceta reflete um tom de diferente significado e revela aspectos distintos de todo o conjunto dos esforços humanos para conquistar a paz e a felicidade interiores.” (*The Concise Light on Yoga*, 1987 p.20)

Desse modo o Yoga abarca a visão holística do ser, concebendo a vida como uma rede integrativa de fenômenos o qual o indivíduo está sujeito e cabe ao mesmo a sabedoria na maneira de balancear harmonia e moderação nesse cenário, representando assim a arte de viver.

1.3.1 A prática de yoga

É de grande valia esclarecer o contexto no qual a prática de yoga propriamente dita, por meio de *asanas* (posturas), se insere. Sendo assim, é possível enumerar oito membros do Yoga em busca da iluminação da alma, segundo *Patanjali*: *Yama*, *Niyama*, *Asana*, *Pranayama*, *Pratibhara*, *Dharana*, *Dhyana* e *Samashi*.

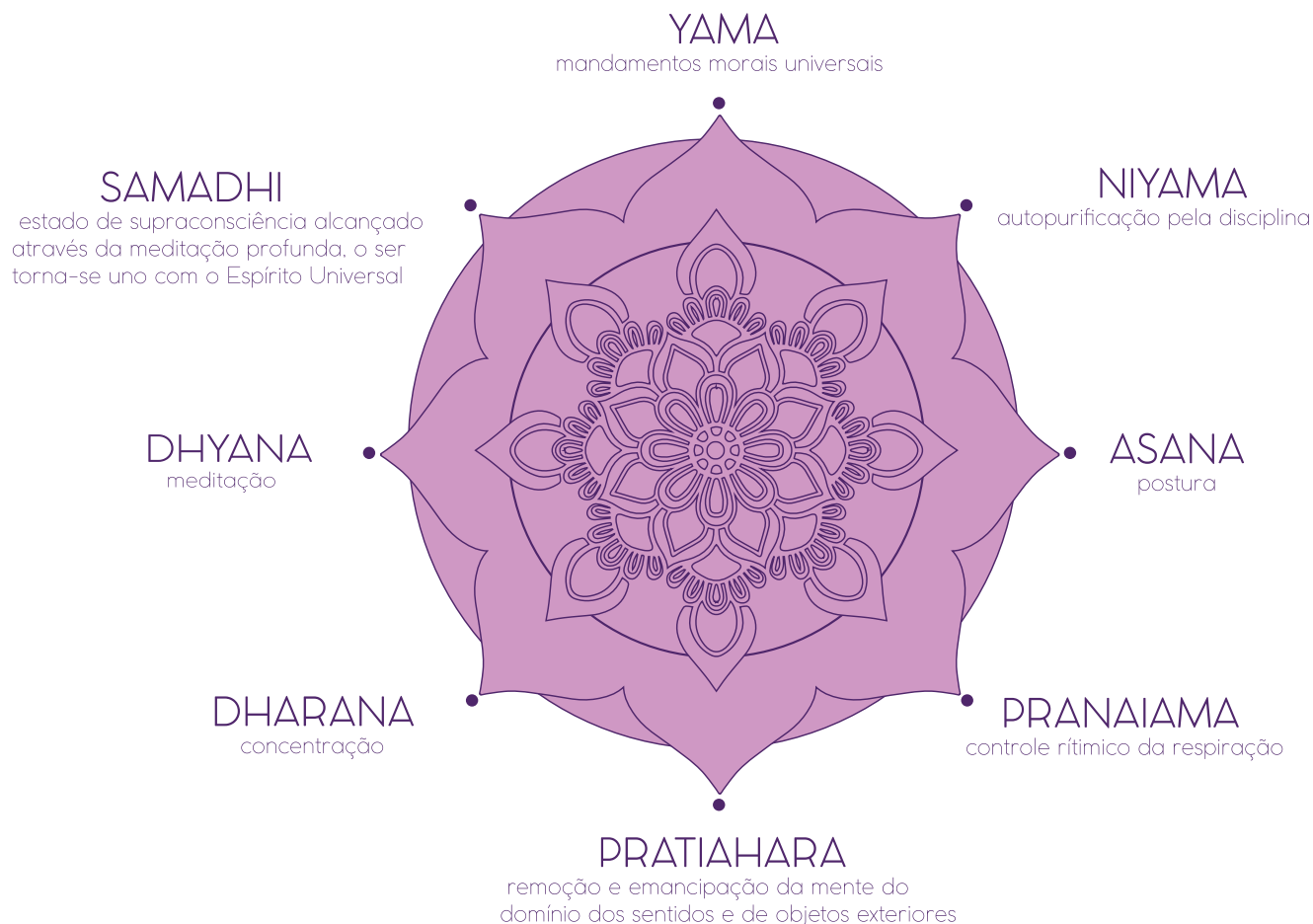


Figura 3: Diagrama sobre os 8 sustentáculos do Yoga.

Fonte: Autora, 2019.

* Para maior aprofundamento sobre o tratado da filosofia do Yoga, consulte *Os yoga sutras de Patanjali*, publicado pela Editora Mantra, São Paulo, 2015.

A prática de *asanas* de fato é o estágio de yoga mais difundido, pelo menos no Ocidente, associa-se também a prática de *pranaimas*, em conjunto as séries posturais. Dentro da concepção holística defendida por essa ciência, ao longo do tempo foram surgindo diferentes modalidades de práticas, fruto da difusão filosófica liderada por diferentes personalidades, mas que contemplam seu devido valor e relevância dentro desse contexto.

Dentre esse vasto campo, é possível elencar as seguintes:

- Hatha Yoga: De natureza clássica, se tornou o método mais popular no ocidente e têm sua prática baseada em posturas (*asanas*), exercícios respiratórios (*pranayama*) e meditação (*dhyana*), no intuito de atingir um estado de equilíbrio da condição física e mental;

- Ashtanga Yoga: nasce de uma inspiração do Hatha, com uma série fixa de *asanas* gradativamente aperfeiçoada pelo praticante, fornecendo uma atividade intensa e estimulando a flexibilidade e consciência corporal;

- Vinyasa Yoga, também classificado como um estilo contemporâneo derivado do Hatha, se ancora em uma sequência rítmica e contínua de *asanas* juntamente com a respiração que garante alinhamento entre corpo e mente;

- Kundalini Yoga: de caráter mais espiritual essa modalidade busca a conexão das esferas corpo, mente e espírito, ao propor uma prática contemplativa e reflexiva, voltada para o ser. Atua dessa forma no equilíbrio dos centros de energia vitais, os *chakras*.;

- Raja Yoga: é destinada ao desenvolvimento pessoal, considerada uma forma mais elevada de prática, traz a união nobre com o Espírito Universal.

- Iyengar Yoga: concebida pelo mestre B.K.S. Iyengar, tem como foco a permanência nas posturas, de maneira a alcançar o alinhamento de cada movimento, e a partir disso desperta emoções no praticante que o auxiliam na purificação.

O intuito de apresentar essa complexidade de modalidades, bem como suas especificidades parte do princípio da intenção projetual do centro de Yoga, como um espaço de busca da conexão do ser com o "Eu Divino", acessando sua essência plena. Dessa forma não é proposto um espaço restritivo a um tipo de prática, pelo contrário, busca-se algo capaz de contemplar as diferentes facetas dessa prática milenar.

2. ARQUITETURA E A INTEGRAÇÃO DO SER

2.1. Arquitetura imaterial

Uma característica peculiar da arquitetura, que a torna especial em meio as ciências exatas e sociais, é seu potencial de despertar uma gama de emoções nos usuários, tal particularidade pode ser acidental ou explorada de forma intencional de acordo com a deliberação do agente projetual. Sendo essa última característica um fator de critério positivo que agrega valor ao projeto. Essa capacidade de sentir a arquitetura e vivenciar o que ela propõe, depende não unicamente da estética projetual, mas está relacionada a uma série de fatores que giram em torno da concepção arquitetônica: conforto ambiental, iluminação, paisagismo, organização formal, volumetria e materialidade.

Um frequente embate conceitual em meio a essa discussão surge do papel desempenhado entre o funcionalismo e o fenômeno estético, questiona-se a relação independente ou compartilhada a qual podem estar inseridos na obra arquitetônica. A ideia de MENDES (2013, p.29), a cerca desse assunto elucida um equilíbrio:

"[...] tanto o aspecto artístico e funcional representam um papel na identidade do edifício, o confronto dos mesmos será essencial na maneira como o ser humano perceberá as diferentes partes do edifício."

Assim, o papel do arquiteto está na administração do fator artístico e funcional de maneira harmônica, conferindo a devida importância a cada um, no sentido de delinear um projeto com a capacidade de suscitar a chamada propriedade imaterial. Essa característica está ligada ao fato de existirem forças sensoriais do ser humano regida pelos sentidos e sensações (provocadas em resposta à dadas situações) e os próprios elementos formais da construção que atuam como agentes produtores do aspecto imaterial da obra.

A intensidade e clareza dessa propriedade será orquestrada pela concepção projetual. A intencionalidade do arquiteto e os fatores externos pré-estabelecidos como: função, implantação, contexto sociocultural e relações econômicas orientam os espaços potenciais para instigar a propriedade imaterial. Dessa maneira o edifício arquitetônico pode ser entendido como algo não estritamente material, mas como algo capaz de gerar sensações extra-sensoriais e subjetivas de cada ser. Louis Kahn (2010) defende que "Começar no imensurável, passar por meios mensuráveis, para ser tornar imensurável", ou seja, a relação de interdependência dos elementos é balizadora na construção da dimensão imaterial da arquitetura.

2.2. Espaço e lugar

O conceito de lugar em arquitetura pode ter diferentes abordagens, cada qual com o direcionador focal mais conveniente. Para efeitos do tema a que se propõe trabalhar, o lugar adquire uma significan

cia abrangente, que ultrapassa os limites físicos e alcança o limiar sensorial. O lugar em arquitetura está relacionado à fenômenos concretos, porém afetam diretamente o ser humano em sua totalidade de interlocução com o mesmo. Cada lugar é dotado de uma peculiaridade própria que potencializa a identificação com o espírito, ou seja sua própria essência. Para Schulz (1963) o espaço não pode ser reduzido à um conceito matemático que o relaciona com formas e estruturas, mas deve ser entendido como uma dimensão existencial. Dessa forma tem-se o espaço existencial, que tem seu conceito elaborado pelo mesmo autor citado acima, esse é entendido como um sistema significativamente estável, composto por percepções, que seriam as imagens do ambiente circundante. As imagens são construídas por meio de estruturas elementares do universo, segundo estruturas socialmente e culturalmente condicionadas, e através das características peculiares de um grupo o indivíduo.

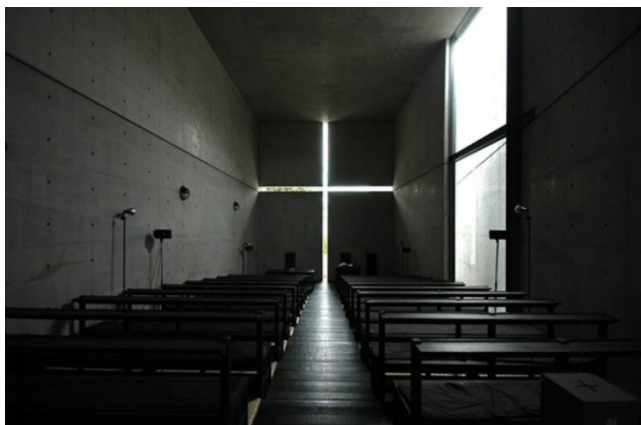


Figura 4: Interior Igreja da Cruz de Tadao Ando, experiência imersiva.



Figura 5: Fotografia com a técnica de longa exposição, reflete o relaxamento e imensidão da paisagem.

Fonte: Blogovin', <<https://www.bloglovin.com/blogs/fubiztm-746822/buddha-zen-black-white-photography-4581630497>> acesso em maio 2019.

2.3. Elementos projetuais

Arquitetar ambientes que permitam a busca da essência do ser através da introspecção exige elementos funcionais específicos, mas que extrapolam a limitrofe estritamente técnica dando lugar às expressões sensoriais. Busca-se a garantia de uma arquitetura capaz de orquestrar a mobilização os sentidos

a favor de um olhar voltado para a cura e conexão do ser.

A partir dessas premissas é possível elencar alguns atributos chave que recebem grande influência na concepção espacial de um studio de yoga, do ponto de vista técnico, mas que a forma a ser trabalhada sugere a função pretendida com esse ambiente.

As condições térmicas influenciam diretamente na percepção dos sentidos do ser humano, sendo algo determinante no conforto ambiental. Uma unanimidade dentre os diferentes tipos de prática de yoga, é a extrema importância dada à respiração, servindo como alicerce do desenvolvimento dentro de cada aprendizado. Estabelecer fluxos de ar, por meio da ventilação natural permite um conforto ao usuário e atua na renovação energética do ambiente, o vento é tratado como transporte de energias dentro da concepção das práticas propostas.

O sistema de saúde ayurveda, trabalha com a concepção holística do ser para o tratamento físico e espiritual, dando enfoque na relação com a natureza e todos seus ciclos. Concomitantemente a filosofia do yoga compartilha dessa visão mesmo que por meio de ferramentas distintas. Assim é de grande valia garantir para esse espaço de yoga e terapias, a conexão com elementos da natureza, por meio inserção do "verde" na concepção do elemento arquitetônico.

A luz é capaz de direcionar o olhar dentro do ambiente, agregando valor projetual e orientando a

organização espacial. Para a prática das atividades propostas a luz atua como fator coadjuvante na condução das atividades. Existem algumas séries de *asanas* de yoga que atribuem uma conexão direta com o sol além de atribuir papel fundamental a esse elemento natural. Assim é de grande importância privilegiar a iluminação natural, de modo a conseguir um controle por meio de sistemas que regulem a intensidade da radiação solar, devido também ao fator climático da cidade (caracterizada por altas temperaturas na maior parte do ano) que será inserido o projeto. Da mesma maneira é importante pensar a iluminação artificial, caso as práticas aconteçam no período da noite, de forma que essa se dissolva agradavelmente nos espaços.

O elemento luz atua como protagonista na construção de ambiente e sensações, a exemplo disso tem-se o Crematório de Baumschulenweg em Berlin projetado por Frank Schultes. A pele de vidro que reveste parte da fachada permite o diálogo entre o interno e externo nas salas de cerimônia, além de provocar a percepção de amplitude do lugar. Os pilares recebem um rasgo na porção do capitel que dá lugar a entrada de feixes de luz, responsáveis por conduzir o olhar para o alto, remetendo a ideia do celestial.

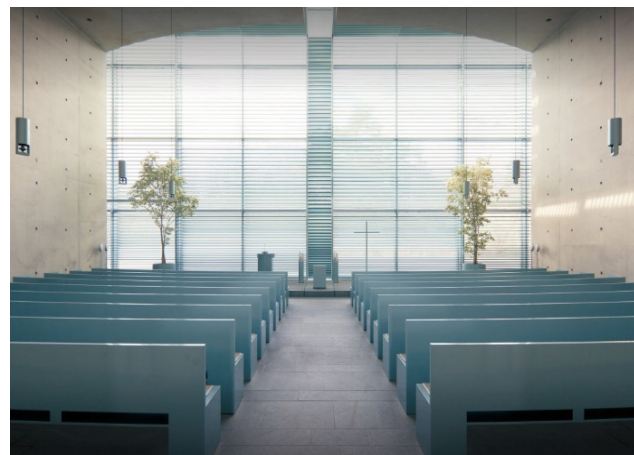


Figura 6 e 7: Fotos internas do Crematório de Baumschulenweg

Fonte: Archdaily, < <https://www.archdaily.com.br/br/01-95579/crematorium-baumschulenweg-slash-shultes-frank-architekten/50fee3a5b3fc4b6769000004-crematorium-baumschulenweg>

-shultes-frank-architekten-photo?next_project=no >
acesso em setembro 2019 .

A materialidade que compõe a obra influencia diretamente a maneira do usuário em experienciar a mesma. Os aspectos como cor e textura, orientam a leitura do lugar, aspecto que pode ser trabalhado no sentido de reforçar a proposta projetual, como no Museu Judaico em Berlin, de Daniel Libeskind, no qual os aspectos materiais atuam em conjunto com outros recursos projetuais no sentido de reforçar a intencionalidade de cada ambiente. No eixo do exílio, o caminho que leva até o jardim é traçado sob um piso irregular que se torna íngreme, da mesma forma que o caminho que vai se tornando mais estreito até chegar em uma porta pesada que se abre para o jardim. Nesse os blocos de concreto (acompanham o declive proposital do terreno), com vegetação no topo causam a sensação de desalinhamento e instabilidade em contrapartida com a esperança simbolizada pela vegetação.



Figura 8: Jardim do exílio, Museu Judaico de Berlim.
Fonte: Archdaily, < <https://simplesmenteberlim.com/judisches-museum-berlin-museu-judaico-de-berlim/>> acesso em setembro 2019 .

Seguindo a premissa de influência da materialidade no projeto, para o espaço de yoga proposto, é ideal que sejam utilizados aqueles que oferecem conforto às práticas, já que a maioria é realizada em contato com o piso. Seguindo a essência do yoga (de voltar o olhar para si) é recomendado o uso de acabamentos e tratamento estético com cores e materiais suaves, que não desfoquem a atenção e traga o usuário para o momento presente, deixando o mundo acelerado a parte. Essa última colocação trabalha em conjunto com a questão acústica necessária para o espaço. O espaço voltado para a prática deve manter certo isolamento acústico em relação aos ruídos das vias urbanas.

3. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

ESPAÇO DE YOGA PREMAVATI

Arquitetos: Aguirre Arquitetura

Localização: Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

Autores: Alexandre Aguirre, Mateus Finotti, Michell Damascena

Área: 419.0 m²

Ano do projeto: 2017

Fotografias: Leonardo Finotti

O espaço de yoga Premavati é fruto de uma ampliação da antiga sede de prática, antes com espaço menor e concebida por técnicas construtivas diferentes. A nova proposta vem com o desafio de não perder a essência do local, que era conhecido com um oásis natural em meio ao fluxo dinâmico urbano.

Tomou-se como ponto de partida a interação das áreas internas com as externas, garantindo assim a presença do verde em todos os ambientes, provocando sensação de aconchego e de campo. A reinterpretação dos 4 elementos naturais fez parte da concepção do espaço, de forma que o ar foi representado pela integração e leveza em toda a edificação, a terra simbolizada pela extensa área verde e vegetações que abraçam os ambientes, bem

como o uso das cores quentes e terrosas adotadas no projeto, o fogo através da lareira externa móvel e a água presente no espelho d'água escultórico localizado em um dos jardins que permeiam os blocos, que abriga também a imagem de Ganesha, deus hindu Destruidor dos obstáculos.

O terreno de implantação contava com dois lotes vizinhos de 1000 m² cada, decidiu-se por localizar a edificação em um dos terrenos, e articular o estacionamento, vegetação e um pátio para práticas externas no outro. A fim de garantir melhor insolação as aberturas foram voltadas para leste, recebendo assim o sol da manhã. A escolha da estrutura metálica permitiu agilidade na construção e facilidade na manutenção posterior, além das telhas termo-acústicas que melhoram a eficiência térmica. O espaço conta com 3 blocos principais intercalados por jardim, mas que se integram por meio da circulação horizontal que se desenvolve ao longo de toda a edificação. O bloco de entrada conta com área de recreação com bancada em concreto com estrutura para cozinhar além de espaço de DML e área de serviço. O segundo é destinado aos banheiros feminino e masculino e três salas, uma para administração e as demais para profissionais que possam ter relação com o espaço.

Por último, o coração do espaço, dois salões para prática com a possibilidade de integração, uma varanda de espera com contemplação do jardim, e um espaço para estocagem dos materiais usados na prática. O jardim que permeia toda a edificação conta com plantas ornamentais e também um po-

mar com espécies frutíferas espalhadas pelo lote, no intuito de fornecer aos usuários uma colheita em momentos de relaxamento.



Figura 09: Recepção e salas de atendimento Premavati



Figura 10: Corredor contínuo de acesso Premavatu



Figura 11: Relação insolação com as salas de prática Premavati



Figura 12: Sala de yoga e relação com jardim Premavati



Figura 13: Fonte escultural e jardim entre blocos Premavati

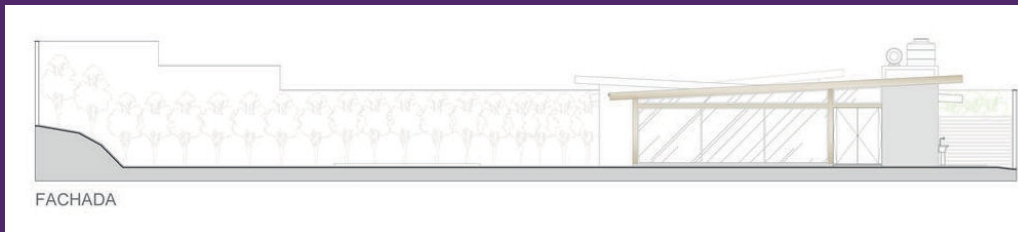


Figura 14: Fachada recepção e jardim Premavati

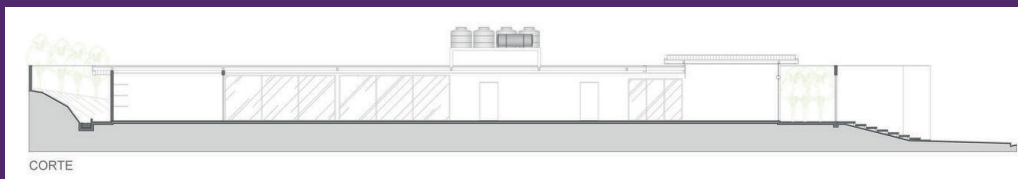


Figura 15: Corte longitudinal Premavati



Figura 16: Planta baixa Premavati

CREMATORIUM BAUMSCHULENWEG

Arquitetos: Axel Schultes Architekten,

Frank Schultes Witt

Localização: Berlim, Alemanha

Área: 9339 m²

Ano do projeto: 1998

Um bloco de concreto delineado por 50 m de largura e 70 de comprimento, além de 10 m de profundidade no solo, uma pedra-túmulo, preenchida por vazios para ocupação dos vivos e contato com o divino. Os espaços são articulados diante um imponente átrio, cujas colunas com seus capitéis de luz estabelecem um contraste cosmológico. Segundo os arquitetos, as inspirações para a concepção do projeto são tanto a arquitetura dos templos egípcios, como a ideia de um campo estelar: um lugar que equilibrasse o transitório e o final.

O espaço central do átrio é marcado por uma série de pilares dispostos de maneira irregular e possuem um recorte no arremate com o forro responsável por trazer a luz marcando o capitel, guiando para uma visão do alto / céu. Os ambientes internos se organizam em paredes de concreto que se revelam como camadas dentro da grande estrutura regular de bloco, as salas destinadas as cerimônias têm o limite com o externo delineado por uma pele de vidro com elementos horizontais de proteção solar,

conferindo uma luminosidade natural filtrada ao ambiente, bem como a amplitude do espaço que dialoga diretamente com o a porção externa da construção. Recortes simétricos nas paredes marcam os espaços e lhes atribuem identidade, passando pelo processo de identificação e leitura do lugar, que se desenvolve por linhas, planos e volumes retilíneos.

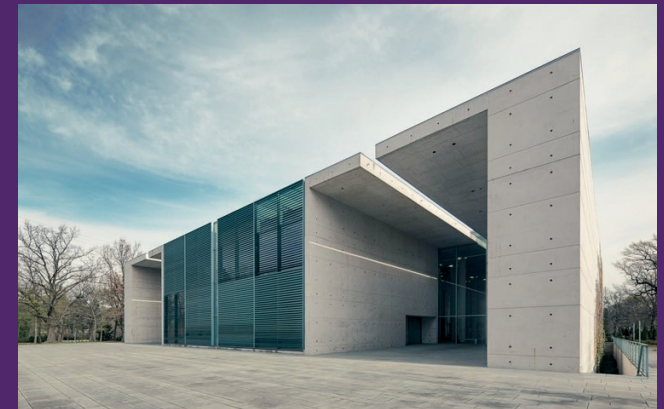


Figura 17: Fachada Crematorium Baumschulenweg

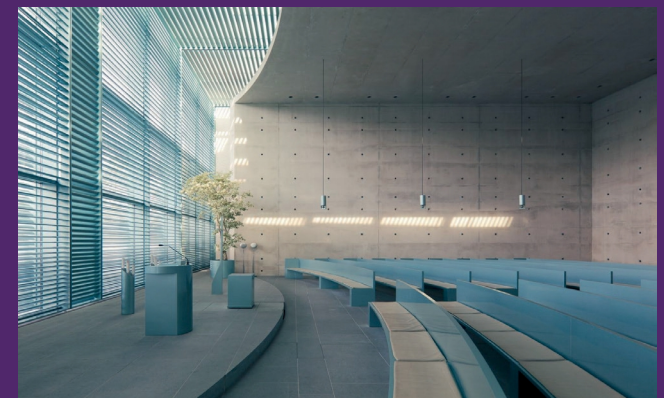


Figura 18: Sala de cerimônia Crematorium Baumschulenweg



Figura 19: Inserção urbana Crematorium Baumschulenweg

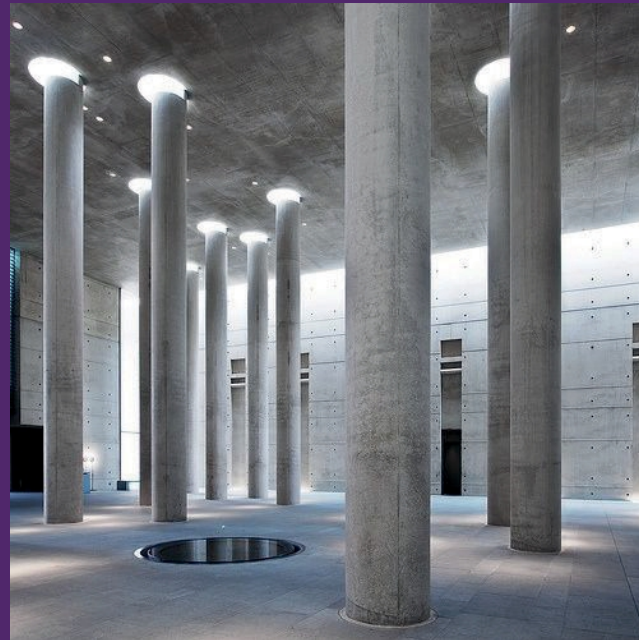


Figura 20: Espaço configurado pelos pilares



Figura 22: Fachada secundária Crematorium Baumschulenweg



Figura 21: Entrada sala de cerimônia Crematorium Baumschulenweg

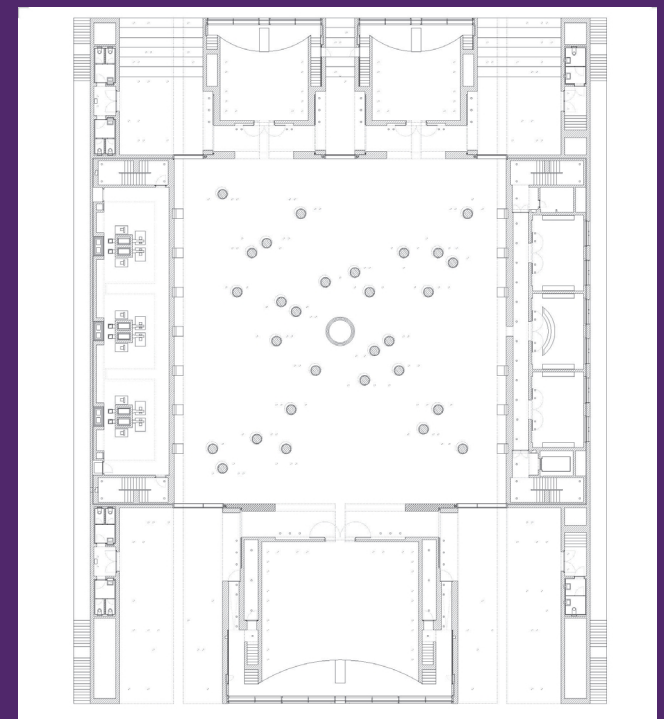


Figura 23: Planta baixa Crematorium Baumschulenweg



Figura 24: Corte Transversal



Figura 25: Corte Longitudinal

TEMPLO DA ÁGUA

Arquitetos: Tadao Ando

Localização: Awaji, Hyogo, Japão

Ano: 1991

O Templo da Água incorpora a mais remota linhagem do budismo tântrico no Japão, configurando-se como o principal espaço dedicado à essa proposta. Tadao Ando explora a cultura japonesa através da experiência sensorial sugerida pela maneira de arquitetar suas obras. A localização na porção norte da ilha de Awaji, integra a composição de montanhas e poucas construções na formação da paisagem de entorno.

Manifesta-se de maneira inovadora frente aos exemplares de templos budistas clássicos, devido à forma, materialidade e composição dos espaços, no entanto traz a essência mística do espaço.

Locado em meio a florestas de bambu, montanhas com campos de arroz e o mar, o templo pousa como um lago de lótus dentro de uma estrutura oval de concreto fino, sob a proteção de barreiras de concreto lisas. O simbolismo perpassa ora de maneira clara, ora oculta, por toda obra. O lago de lótus traz o símbolo do Céu, remetendo ao aparecimento do Buda Amida, que de acordo com a crença popular, traz a metáfora do paraíso celestial.

O arquiteto é responsável por, concomitantemente respeitar aspectos dogmáticos e símbolos da tradição, e incorporar um certo sincretismo: dado pela contribuição ocidental através do material e técnica contrastantes do Oriente.

A premissa de uma arquitetura capaz de promover experiência espiritual é reforçada a todo momento de descoberta do templo. O percurso inicia-se no contraste das barreiras de concreto com as árvores e arbustos locais, essas protegem o lago e um longo caminho de cascalho branco; ponto de partida para uma experiência profunda no mundo íntimo. Desvenda-se então, o lago de lótus oval, que de maneira inusitada é o telhado do templo, visto que esse está parcialmente enterrado no subsolo, sua entrada se dá por uma escadaria que corta o lago. Essa inversão da “subida” ao templo, é proposta por Ando como uma sucessão de caminhos que desvenda a obra e induzem o contato interno do ser. A escadaria converge em uma estrutura de madeira vermelha, inserida ao longo de um quadrado e um círculo, local onde desvenda-se por meio de elementos geométricos o caminho que conduz à estátua de Buda.

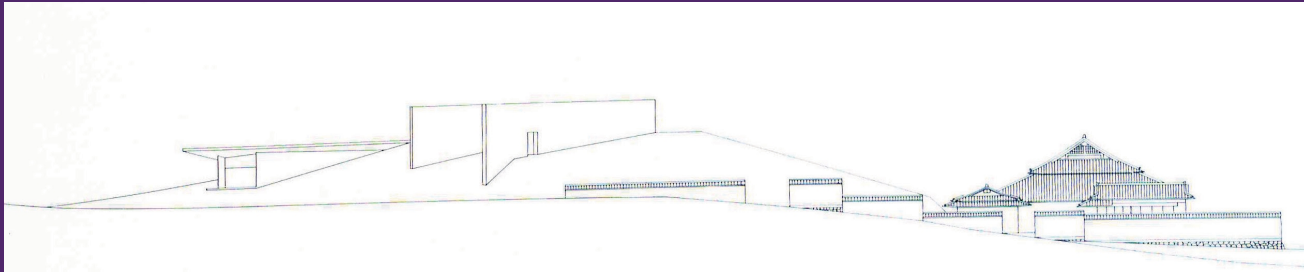


Figura 26: Vista esquemática do Templo da Água

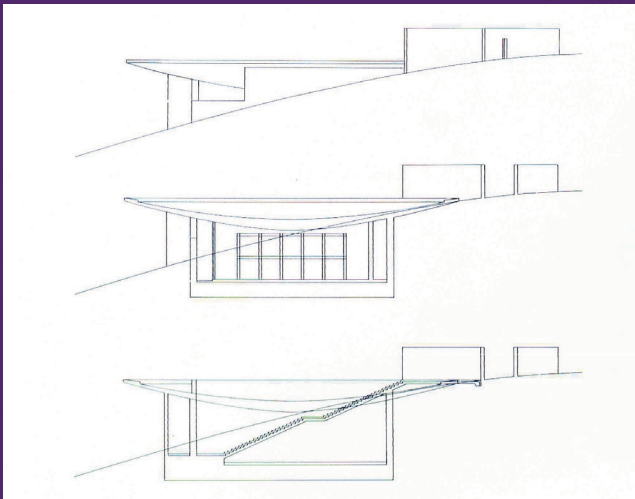


Figura 27: Seções Templo da Água



Figura 28: Sala de cerimônia



Figura 29: Escada acesso Templo da Água



Figura 30: Vista aérea Templo da Água

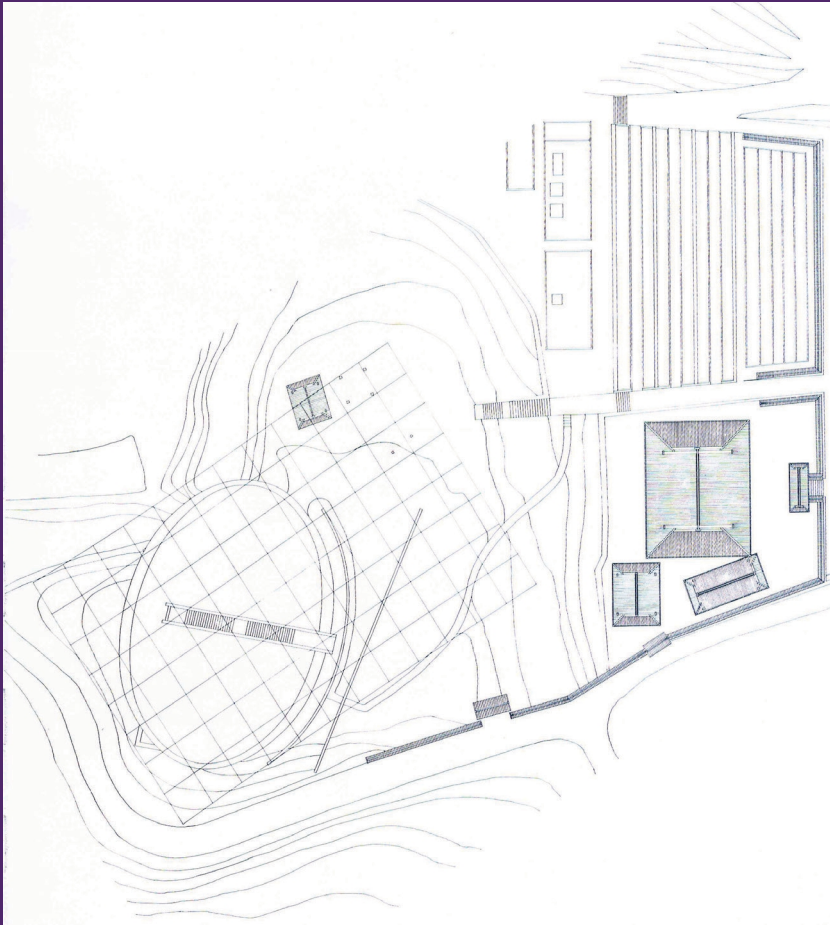


Figura 31: Planta de situaçãoTemplo da Água

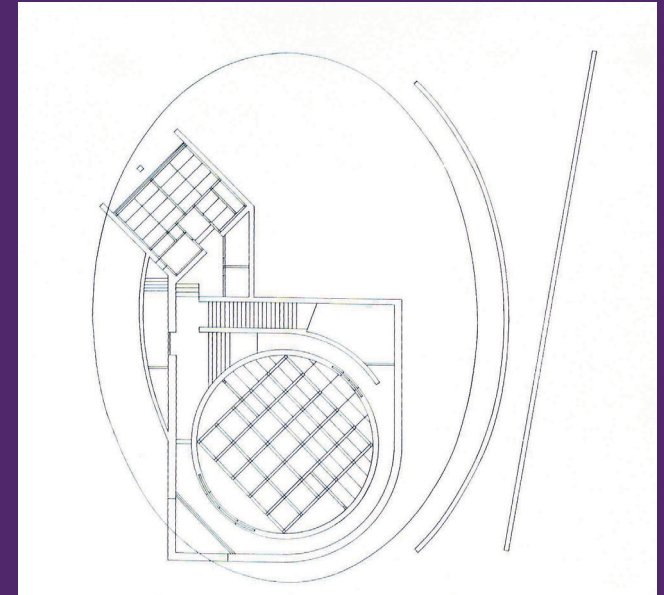


Figura 32: Planta baixa Templo da Água

PROJETO	RELAÇÃO LOCAÇÃO URBANA	CONCEITO	PROGRAMA	SOLUÇÕES CONSTRUTIVAS	ASPECTOS BIOCLIMÁTICOS
ESPAÇO DE YOGA PREMAVATI	Inserido em meio a malha urbana predominantemente residencial, mas com conexão direta ao eixo viário de ligação centro / zona sul	Linearidade e continuidade por meio de blocos funcionais interligados Ênfase ao paisagismo clean	Recepção Depósito Vestiários Salas de atendimento Sala estocagem Salas de yoga	Alvenaria texturizada Divisória flexível Esquadrias e estrutura de aço aparente	Iluminação natural Jardim de chuva Vasta área verde Jardim interno
CREMATORIUM BAUMSCHULENWEIG	Em meio ao parque cemiterial da cidade o edifício atua como um marco local e estabelece relações com o entorno pro meio da implantação alinhada ao terreno e os planos de vidro.	O valor simbólico da luz norteia toda a concepção do crematório, presente em diferentes intensidades ao longo do edifício.	Átrio central Salas de cerimônia Capela Administração Maquinário de fogo Depósito Frigorífico	Concreto armado Planos de vidro Pele de proteção solar Aberturas zenitais	Iluminação natural Elemento de proteção solar Vegetação como proteção solar e da privacidade Pátio interno
TEMPLO DA ÁGUA	Elementos topográficos vão de encontro a implantação do Templo. O espírito intimista desse local de introspecção é reforçado pelo seus patamares de composição do espaço.	O volume singular oval se impõe de forma leve e marcante. A maneira com que a obra vai sendo descortina da ao usuário remete a função espiritual do Templo.	Percurso orientado Espaço para contemplação Escada de acesso	Concreto Madeira Pedras naturais	Ventilação natural Iluminação natural Paisagismo com espécies nativas Telhado com lâmina d'água Implantação se adequa ao terreno

Tabela 01: Síntese pontos relevantes estudo de caso.
Fonte: Autora

4. ÁREA DE INTERVENÇÃO

4.1 O contexto local



Figura 33: Localização geográfica da cidade de Itumbiara.

Fonte: Autora, 2019.

O município de Itumbiara localiza-se no extremo sul do estado de Goiás. O início da ocupação territorial é datado de 1824, com a instalação do Porto de Santa Rita do Paranaíba, devido própria localização estratégica.

A emancipação do município ocorreu mais tarde em 1909, coincidindo com a inauguração da Ponte Afonso Pena, sobre o Rio Paranaíba, marco icônico para a cidade até os dias atuais.

O nome Itumbiara é de origem Tupi-Guarani, que significa “caminho da cachoeira”. Fazendo alusão à uma antiga estrada que ligava o município a cidade de Cachoeira Dourada.



De acordo com a classificação de Köppen, o clima é tropical, com invernos secos e amenos e verões chuvosos e alta temperatura



103.652 mil habitantes segundo as projeções do IBGE para o ano de 2019. Assim tem-se uma densidade populacional de 37,71 hab/km².



A cidade vêm se consolidando com um polo educacional diante às cidades vizinhas de menor porte.



A economia é sustentada em grande parte pela produção agrícola e agroindustrial com foco na produção de grãos e derivados.

Figura 34: Dados do município

Fonte: Autora, 2019.



Figura 35: Foto histórica da antiga travessia realizada por balsa no Rio Paranaíba, que deu origem à construção do porto e mais adiante a ponte Afonso Pena, marcando a divisa de estados: Goiás - Minas Gerais.

Fonte: Acervo Biblioteca Municipal, acessado pela autora em 2019.



Figura 36: Ponte Afonso Pena, que marca a divisa inter-estadual, atualmente configura-se como a ponte pêncil mais antiga do país.

Fonte: <http://nilsonfreirenews.blogspot.com/2012/12/ponte-afonso-pena-interditada-para.html>. Acesso em Maio de 2019.



Figura 37: Primeiro mapa com os limites municipais, após a emancipação de Itumbiara como comarca e seus distritos.

Fonte: Acervo Biblioteca Municipal, acessado pela autora em 2019.



Figura 38: Vista aérea ocupação urbana da cidade e o desenho do Rio Paranaíba.

Fonte: Autora, 2019.

A década de 1960 foi marcante no que tange o crescimento demográfico. Os períodos pós essa data apresentam significância na formação urbana. A configuração da malha urbana do município de Itumbiara foi tecida a partir da formação de novos loteamentos residenciais, tendo as bordas da cidade como vetores de crescimento.

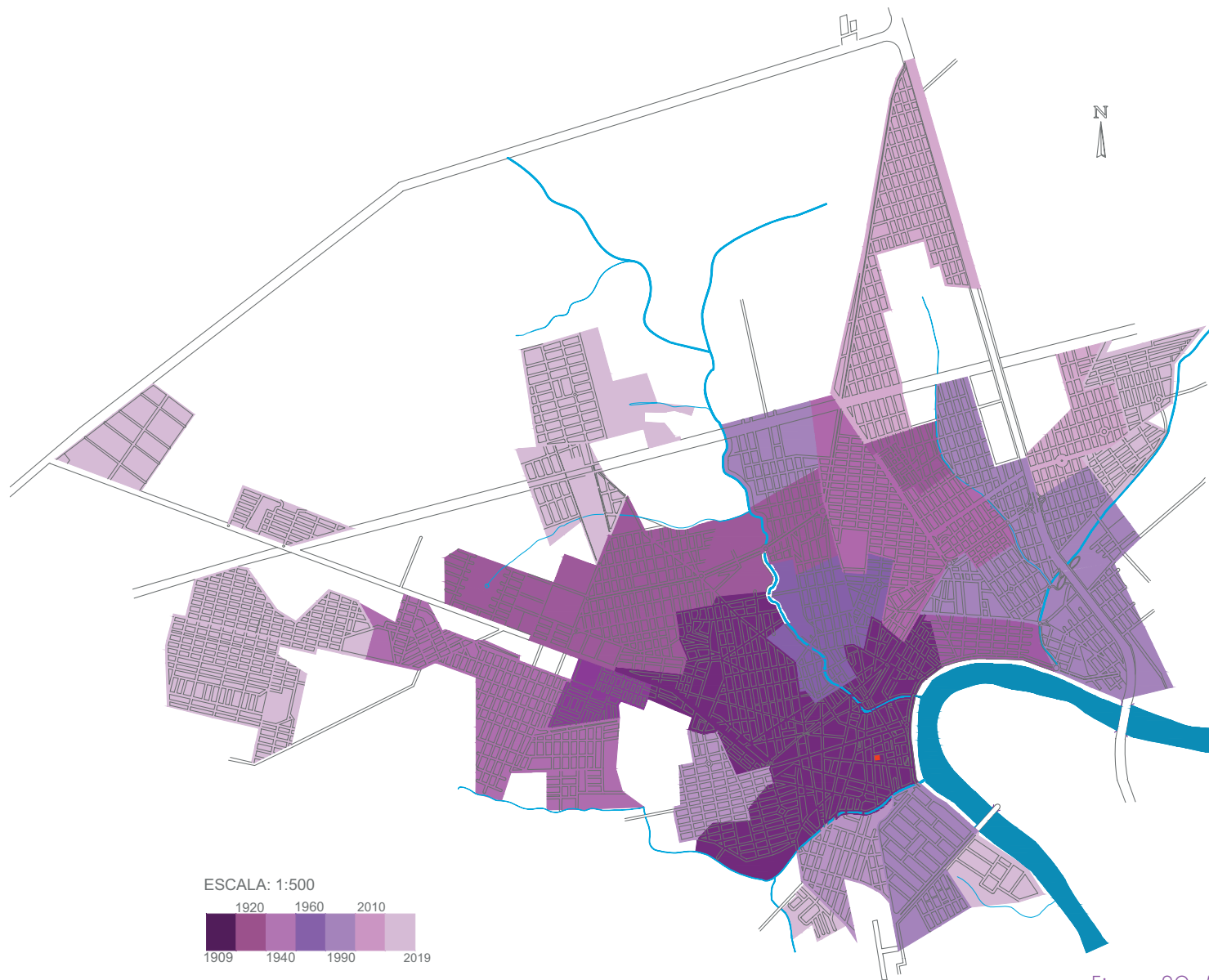


Figura 39: Mapa evolução urbana.
Fonte: Prefeitura Municipal, editado pela autora (2019).

4.2 Imagem aérea zona central de Itumbiara

Macrozona Urbana - Zona Central

O terreno insere-se na malha urbana central de Itumbiara, que caracteriza-se por um processo de antigas residências dando lugar a ocupação voltada à comércio e serviços, um processo bastante comum em cidades de pequeno e médio porte. A localização do terreno está entre duas ruas, uma com maior fluxo e outra de menor, conforme análise viária exposta. A proximidade com as ruas mais movimentadas do Centro favorece a mobilidade. As ruas que o circundam são caracterizadas por clínicas, laboratórios, estúdios de pilates e residências, sendo assim um entorno condizente com o uso do espaço proposto.



Figura 40: Imagem aérea zona central de Itumbiara
Fonte: Autora, 2019.

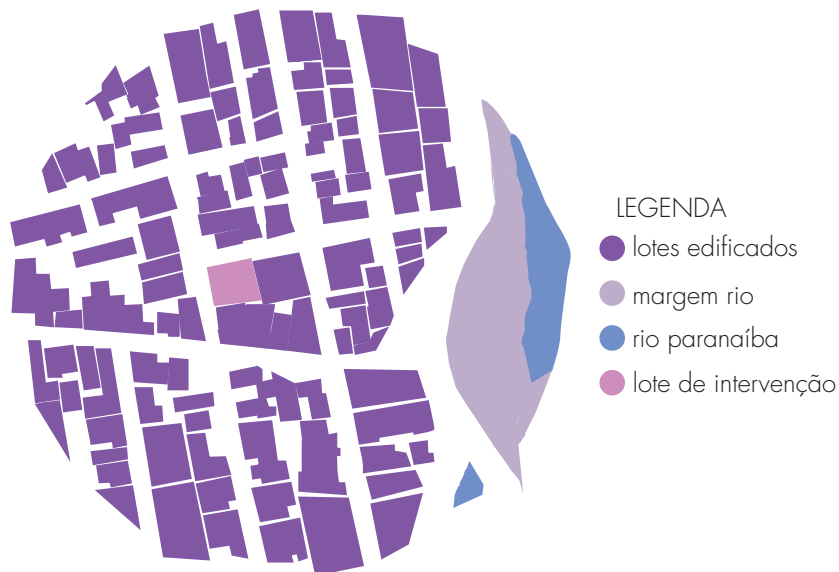


Figura 41: Mapa cheios e vazios
Fonte: Autora, 2019.

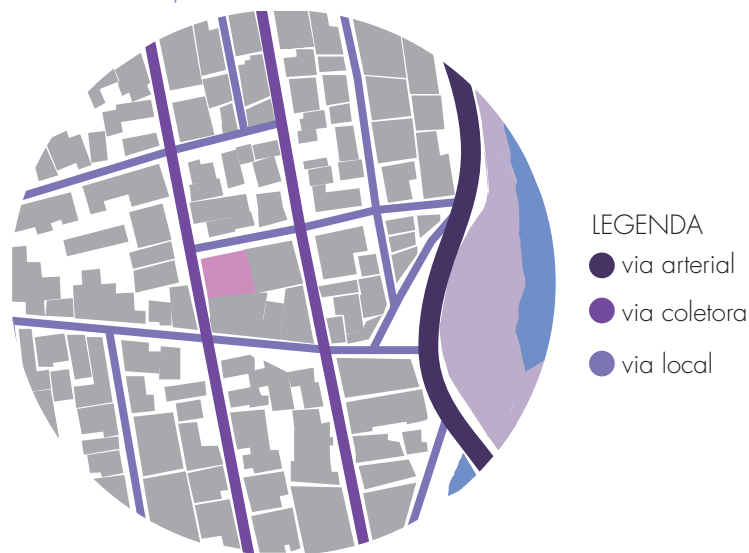


Figura 42: Mapa Hierarquia viária
Fonte: Autora, 2019.

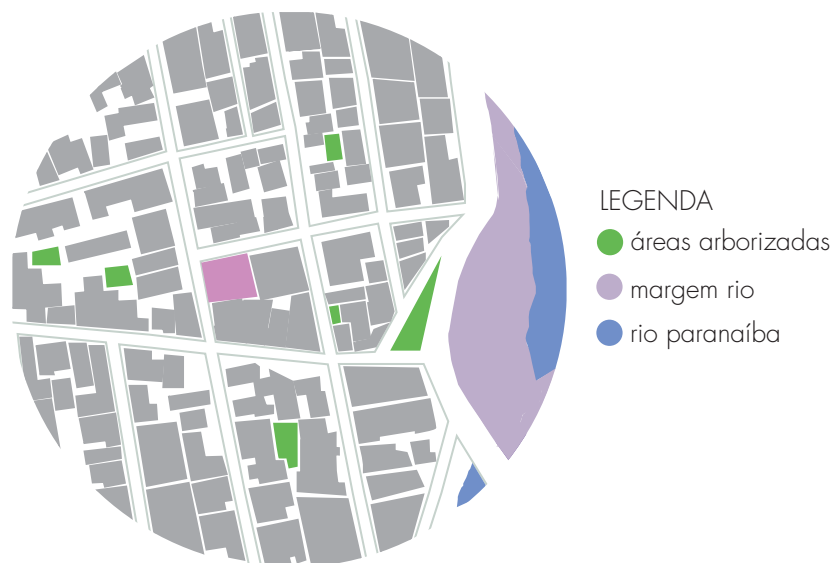


Figura 43: Mapa áreas verdes
Fonte: Autora, 2019.

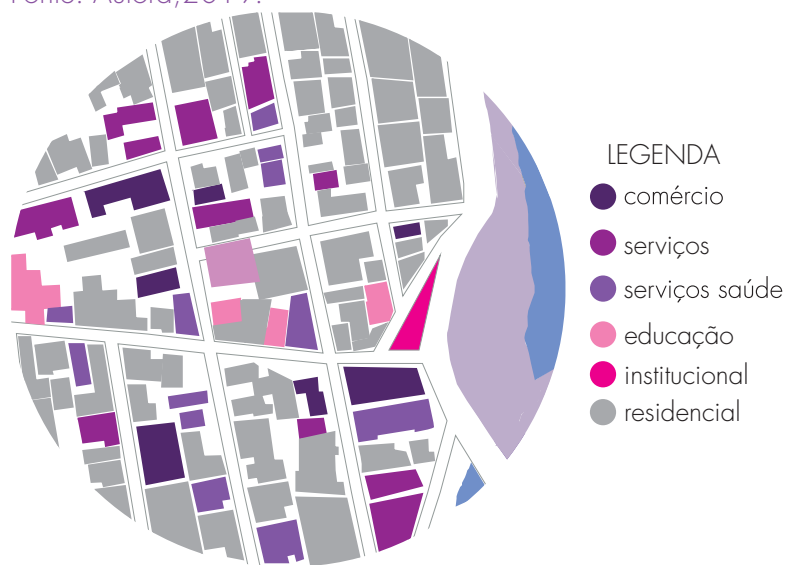


Figura 44: Mapa uso e ocupação do solo
Fonte: Autora, 2019.

4.3 Legislação



Assegurar livre trânsito de pedestres e deficientes físicos em calçadas, sendo a largura mínima permitida de 1.20 m.

Nas esquinas do lote o meio-fio deverá ser rebaixado em rampa com largura mínima de 1.20, realizada na direção das faixas de pedestres.



As rampas de acesso de automóveis poderão ter declividade de até 20%.



Para locais que desempenhem a função de escritórios e consultórios, as salas de trabalho deverão medir no mínimo 12m² e 3m em sua menor dimensão.

Para cada sala ou grupo de salas, usadas por um mesmo ocupante é obrigatório a disposição de um sanitário com lavatório para cada 60m².



Para terrenos inseridos na Macrozona Urbana, a taxa máxima de impermeabilização permitida é de 80% da área do lote.

Para efeitos da referida, recuos ou afastamentos são classificados como

a menor distância entre a divisa do terreno e o limite externo da projeção horizontal da construção, em cada pavimento. Assim o recuo frontal refere-se aos limites com logradouros ou vias públicas; e de fundo e lateral em relação à divisa com outros lotes.

É determinado para o afastamento frontal a medida de 3 metros, já para os recuos laterais e de fundo 1.5 metros.



área do terreno: 885 m²
área com a taxa máxima de impermeabilização: 708 m²

[taxa de ocupação]

$$TO = 244 / 885$$

$$TO = 27\%$$

* No caso de a taxa de ocupação não ultrapassar 50% da área total do lote o proprietário terá redução de 20% sobre o valor do alvará de construção

[coeficiente de aproveitamento]

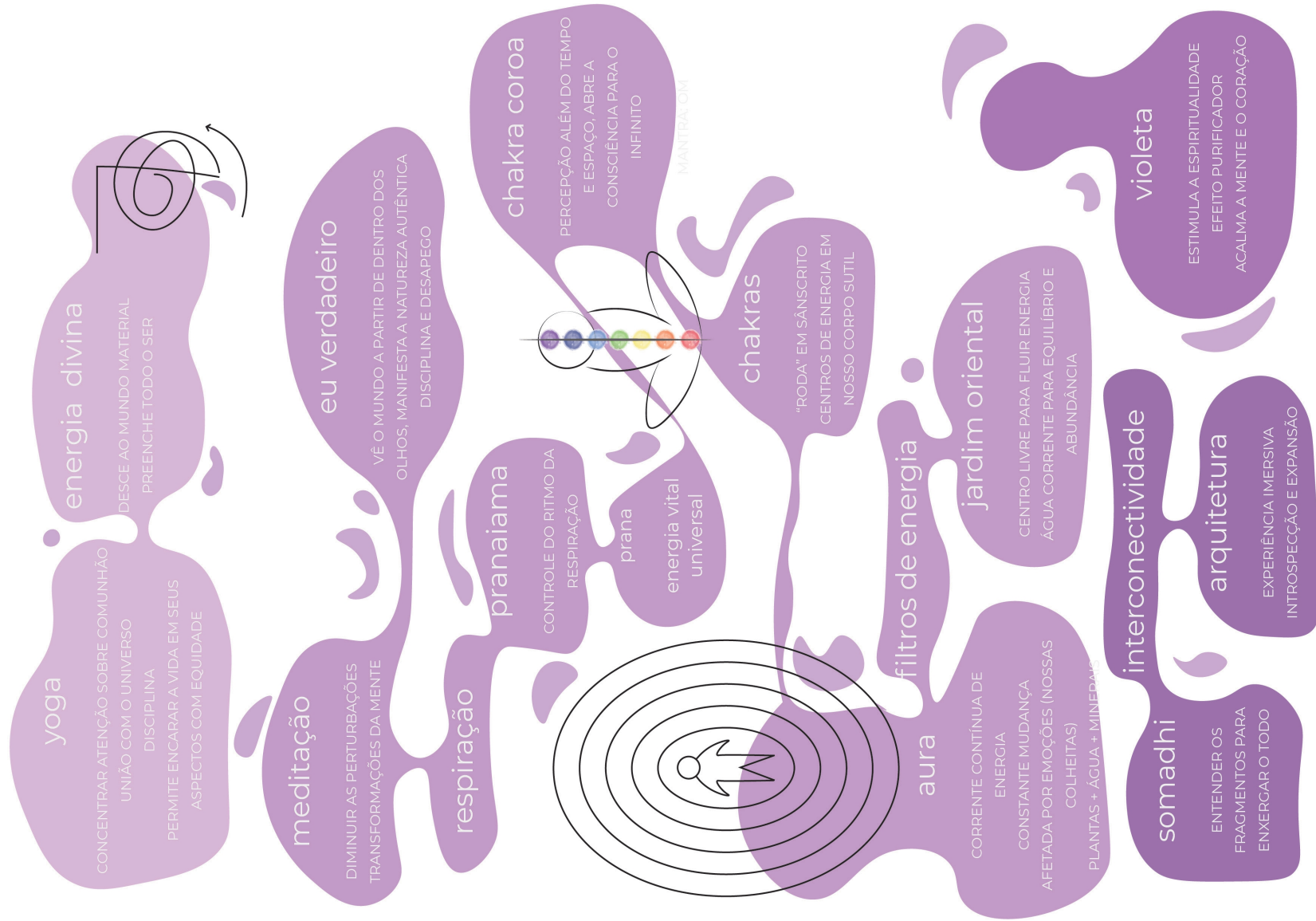
dado a classificação da área em estudo, como área adensável I o coeficiente de aproveitamento recomendado é 3.

Figura 45: Infográficos legislativos.

Fonte: Plano Diretor de Itumbiara e Código de Obras de Itumbiara, organizado pela autora 2019.

5. DIRETRIZES PROJETOAIS

5.1. Conceito - Mapa mental



Memorial de projeto

A partir da leitura do espaço urbano onde a cidade de Itumbiara está localizada, observa-se a carência de um espaço voltado para terapias alternativas à saúde, que abrangem o ser como um complexo holístico. Assim nasce o Espaço OM, com a premissa de ser um lugar capaz de favorecer a caminhada do ser ao encontro de si mesmo, conceito chave do projeto, sua essência, e como a arquitetura atua sendo um elemento potencializador dessa proposta.

A escolha do terreno foi dada a partir de uma análise urbana em questões de mobilidade e acesso aos serviços, já que o intuito é integrar esse edifício à dinâmica urbana, e trazer essa reflexão ao cotidiano, mas sem perder a natureza de tranquilidade inerente à essa tipologia arquitetônica. O terreno de esquina foi propício para abrigar essa dualidade entre introspecção e expansão.

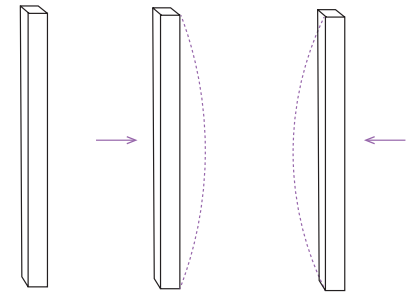
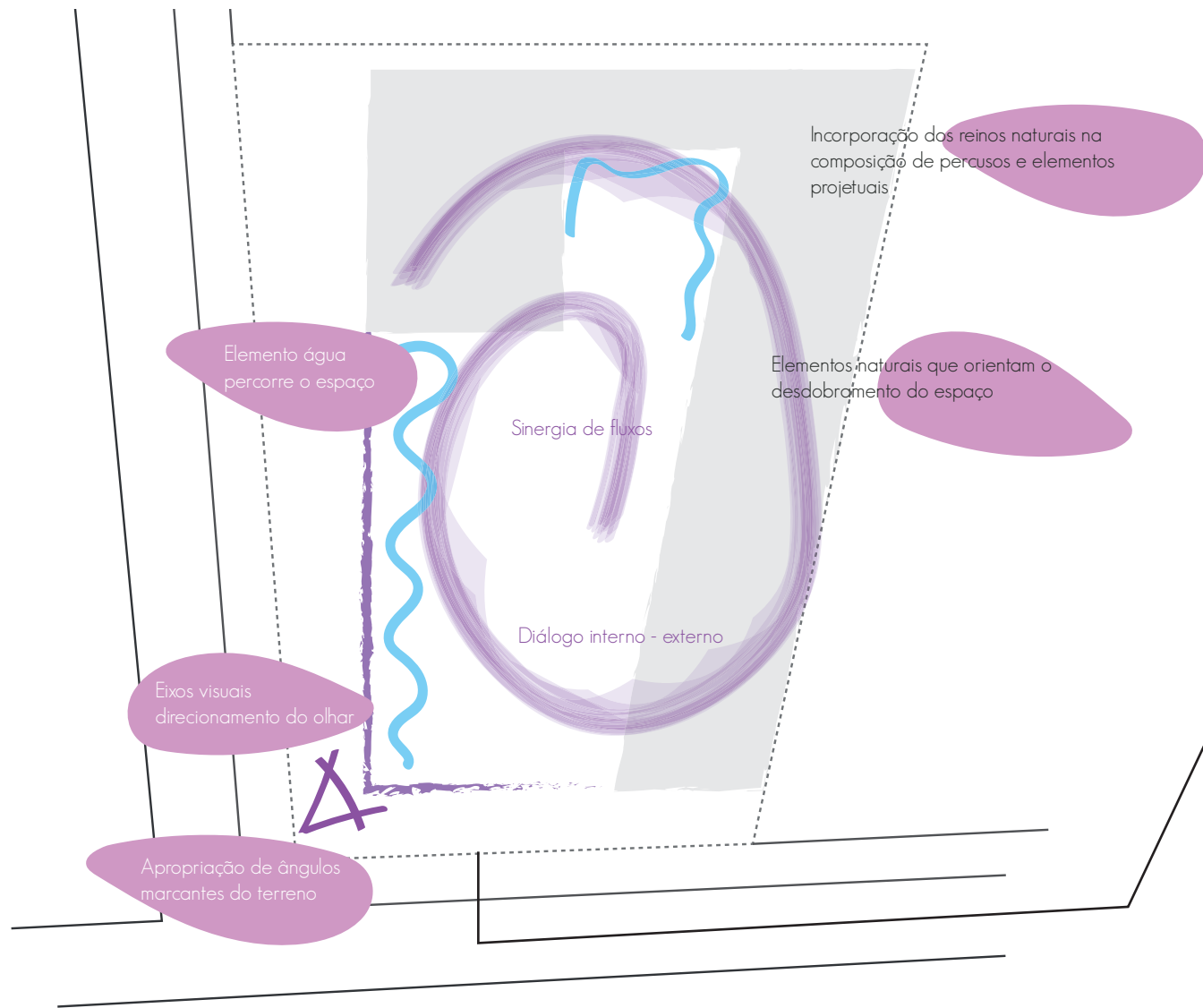
O programa contempla uma recepção multiuso, que acolhe o usuário com uma pequena biblioteca disposta de livros com a temática do Yoga, um espaço do chai (espécie de chá de especiarias indianas) reservado para momentos de pequenas refeições e o espaço propriamente administrativo. Acoplado à essa encontra-se o DML. A recepção se abre para uma praça seca, responsável por também orientar os fluxos para banheiros e salas de atendimento, esse espaço abriga estruturas apoiadas no pergolado que podem ser usadas para descanso e descontração, juntamente com o mobiliário fluido pensado especialmente para não comprometer a circulação.

O bloco lateral tem as primeiras salas voltadas para o atendimento de terapias ayurveda e demais medicinais alternativas, as salas contam com banheiros individuais acessíveis, para cada sala há um pequeno jardim que favorece a iluminação natural com privacidade e coloca o paciente em contato com o natural. Adiante desse bloco encontra-se a sala de estocagem de materiais, e logo mais as salas de prática de yoga. A prática de yoga se encontra em duas generosas salas interligadas por divisória flexível, podendo se unirem. As duas salas são equipadas para o desenvolvimento dos diversos tipos de yoga existentes, os quais o espaço propõe-se a abrigar, sem restrições. As salas de yoga juntamente com a praça seca se abrem para o jardim contemplativo, que foi pensado como um espaço sugestivo à introspecção do usuário mesmo diante a dualidade existente no fechamento e cobertura, colunas de madeira abauladas em diferentes eixos produzem um filtro visual do entorno fora do terreno e do céu, dotado também de um espelho d'água em lâmina com um desenho de recortes que favorece a apropriação; assim os elementos projetuais ocasionam a criação de uma micro-atmosfera especial.

Ampliando as questões conceituais para a aplicação no projeto, têm-se elementos simbólicos que dialogam com o edifício. A água foi trabalhada de forma a estar presente no decorrer de toda extensão do conjunto, trazendo a memória do rio, que é marcante para a cidade, e trabalhando os aspectos energéticos de fruição das energias e a atração da abundância, defendida pelas ciências orientais. O

elemento cor, gira em torno de tons suaves que não tiram a atenção do usuário e promovem sensação de tranquilidade, optou-se por trabalhar apenas com a cor violeta, relacionada ao conhecimento espiritual, em detalhes do próprio paisagismo da calçada. A estrutura em concreto aparente proposta, dialoga com as formas do projeto e reforça o aspecto de clareza e unidade, adotados no mesmo. A madeira laminada colada tem seu papel estrutural inerente, mas também se apresenta como um elemento representante do reino vegetal. Os percursos dentro do conjunto têm desenho que se dissolvem em meio ora a grama ora a água, reforçando o simbolismo da conexão e dualidade, a materialidade em pedras naturais agrega textura e compõe o reino mineral. Assim os elementos naturais são trabalhados de maneira gradual da mesma maneira que se propõe o processo de autoconhecimento e ligação com a essência interna, bem como refletem a importância da conexão do ser humano com o natural como premissa facilitadora do que se sugere no projeto.

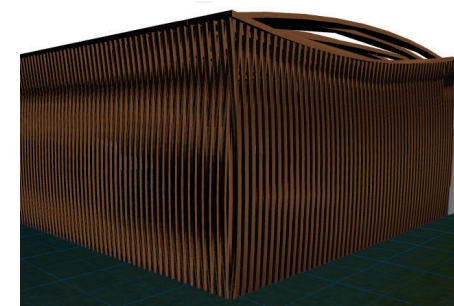
Diagrama concepção projetual



forma pura flexionada
mesmo eixo
diferentes direções



arranjo formas
dualidade



Fechamento abraça o projeto
acolhimento luz e sombra

Análise climática

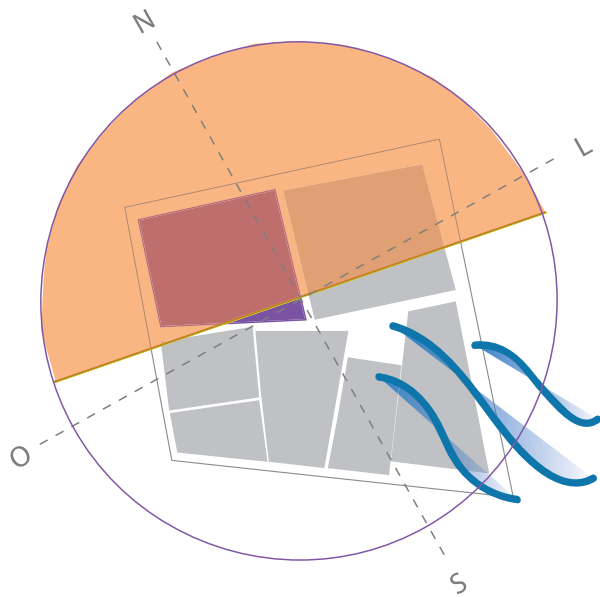


Figura 46: Análise climática terreno.
Fonte: Autora, 2019.

5.2. Pré dimensionamento

Tabela 02, página 40.

5.3. Setorização

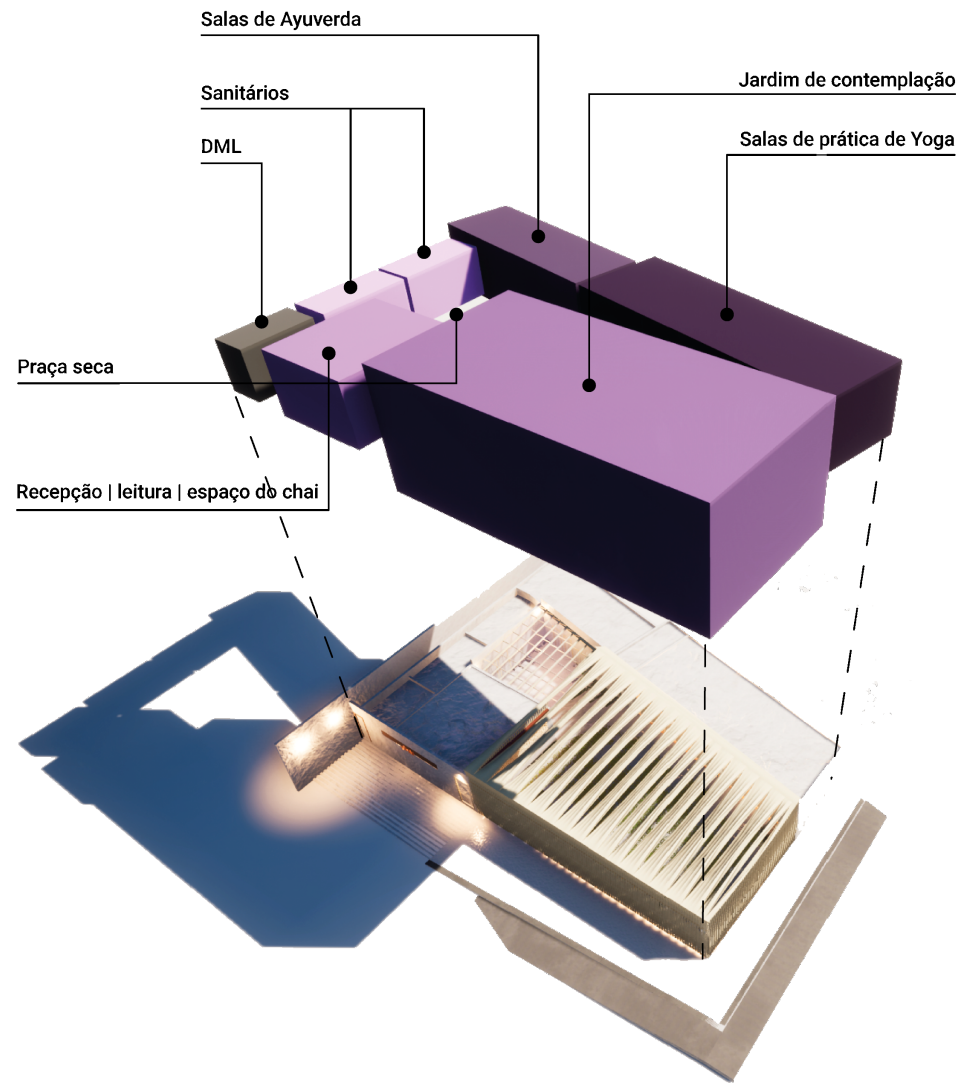


Figura 47: Setorização.
Fonte: Autora, 2019.

AMBIENTE	CARACTERÍSTICAS	MOBILIÁRIO	PRÉ-DIMENSIONAMENTO	DIMENSIONAMENTO ESTUDO I	DIMENSIONAMENTO ADOTADO
Sala Ayurveda I	Espaço destinado a pré-atendimento e em seguida terapias manuais utilizando a maca de massagem. Pequena estocagem de materiais e utensílios próprios. Controle de luz e ventilação cruzada. Deve abrigar um pequeno lavabo.	Maca de massagem, mesa e cadeiras, armário estocagem.	15 m ²	24 m ²	28.9 m ²
Sala Ayurveda II	Espaço destinado a pré-atendimento e em seguida terapias com manuais utilizando a maca de massagem. Espaço para sauna portátil. Controle de luz e ventilação cruzada. Pequena estocagem de materiais e utensílios. Deve abrigar um pequeno lavabo.	Maca de massagem, mesa e cadeiras, armário estocagem, cabine de sauna.	15 m ²	26.6 m ²	25.6 m ²
Sala Yoga I	Espaço livre para a prática. Luz solar indireta e ventilação cruzada. Acústica adequada, sem interferência da rua. Parede estrutural para cordas.	Tapetes e props de prática (locação flexível)	23 m ²	36.8 m ²	42.3 m ²
Sala Yoga I	Espaço livre para a prática. Luz solar indireta e ventilação cruzada. Acústica adequada, sem interferência da rua. Parede estrutural para cordas	Tapetes e props de prática (locação flexível)	23 m ²	31 m ²	63.5 m ²
Banheiro completo M	Espaço para banheiro acessível	Sanitários e pia	4 m ²	8.5 m ²	20.5 m ²
Banheiro completo F	Espaço para banheiro acessível	Sanitários e pia	4 m ²	8.5 m ²	21.3 m ²
DML	Contém acesso restrito aos colaboradores, armários e prateleiras para estocagem. Deve ter relação mais direta com a rua.	Armários e prateleiras.	6 m ²	13 m ²	15.8 m ²

Recepção	Espaço para acomodar os usuários em um primeiro momento e também local de espera. Recepção pequena para atividades administrativas. Estocagem de sapatos de fácil acesso. Pequeno lavabo.	Cadeiras, poltronas, armários e mesa para atendimento.	3 m ²	6.7 m ²	37.5 m ²
Espaço do chai	Apoio para os usuários e funcionários realizarem refeições rápidas.	Pia com bancada, bebedouro e espaço chá	10 m ²	28 m ²	25 m ²
Estocagem materiais	Prateleiras com profundidade generosa para guardar os materiais das práticas. Espaço para manipulação dos usuários.	Prateleiras e suportes na parede	8 m ²	19m ²	13.1 m ²

Tabela 02: Organização ambientes e dimensionamento.

Fonte: Autora, 2019.

5.4. Análise Fluxos

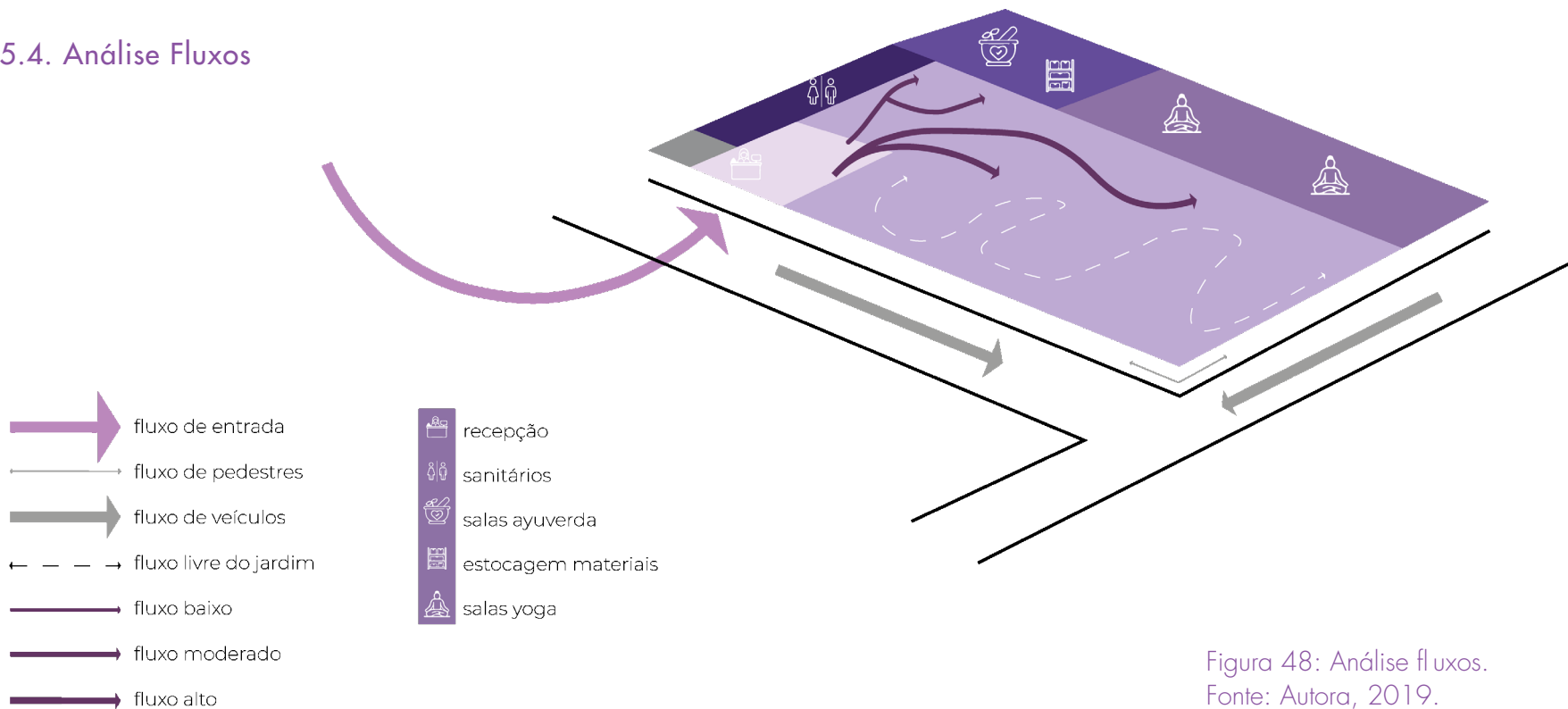
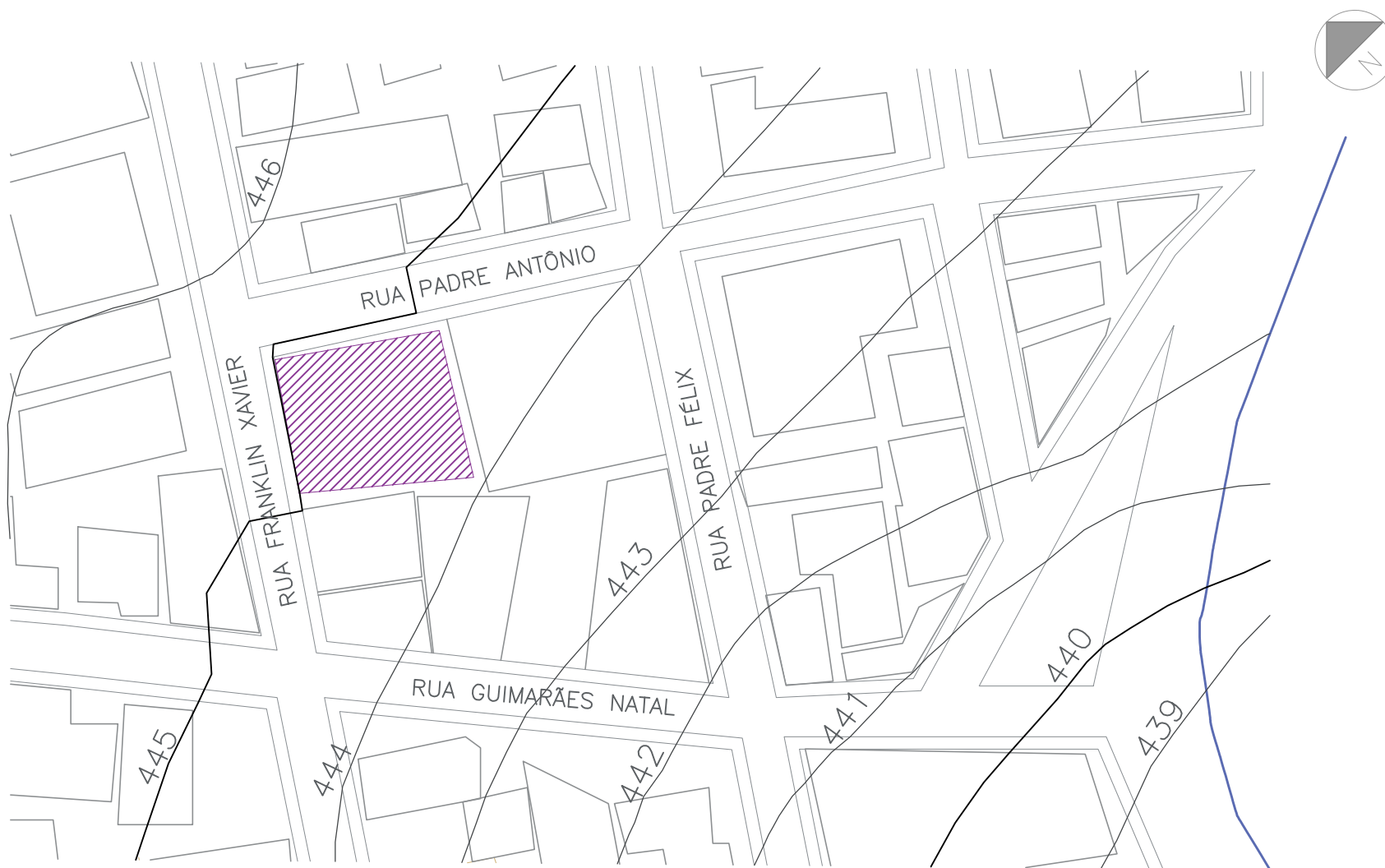


Figura 48: Análise fluxos.
Fonte: Autora, 2019.

5.5. O projeto

Planta de situação



PLANTA DE SITUAÇÃO
ESCALA 1:1000

Figura 49: Planta de Situação.
Fonte: Autora, 2019.

Planta de implantação

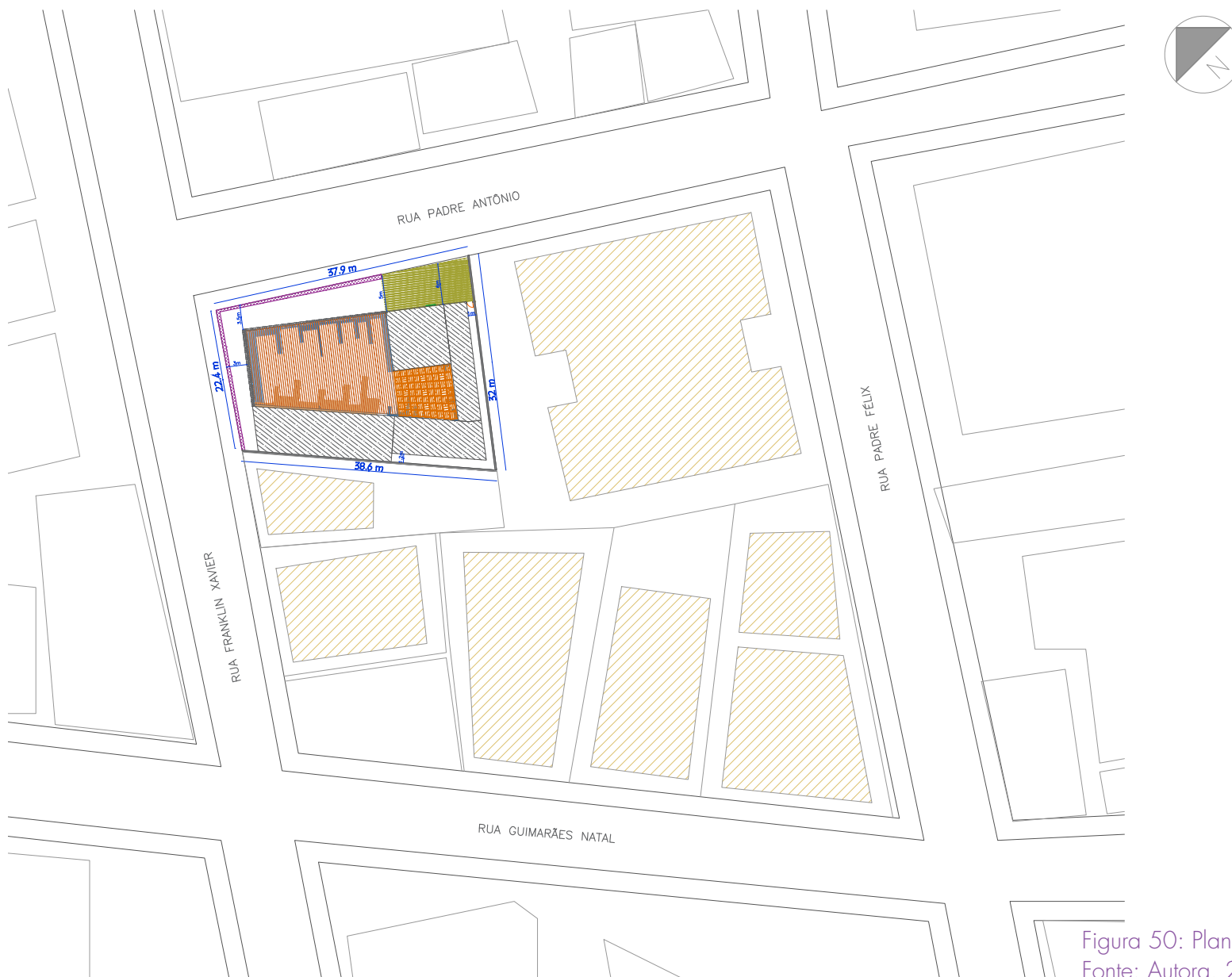


Figura 50: Planta de Implantação.
Fonte: Autora, 2019.

Ilustrações e renders



Figura 51: Vista panorâmica interior do espaço.
Fonte: Autora, 2019.



Figura 52: Fachada entrada espaço OHM Rua Padre Antônio.
Fonte: Autora, 2019.

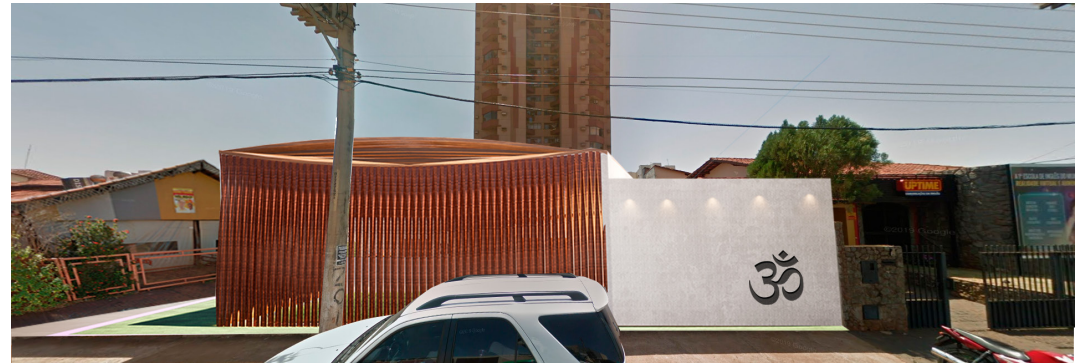


Figura 53: Fachada Rua Franklin Xavier.
Fonte: Autora, 2019.



Figura 54: Colagem gráfica espaço OHM.
Fonte: Autora, 2019.

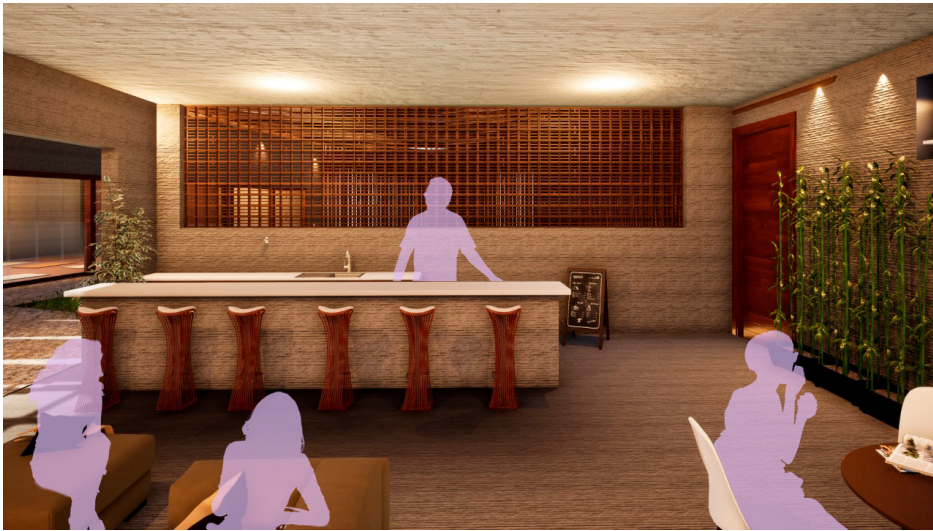


Figura 55: Espaço do chai recepção.
Fonte: Autora, 2019.



Figura 57: Apropriação praça seca.
Fonte: Autora, 2019.

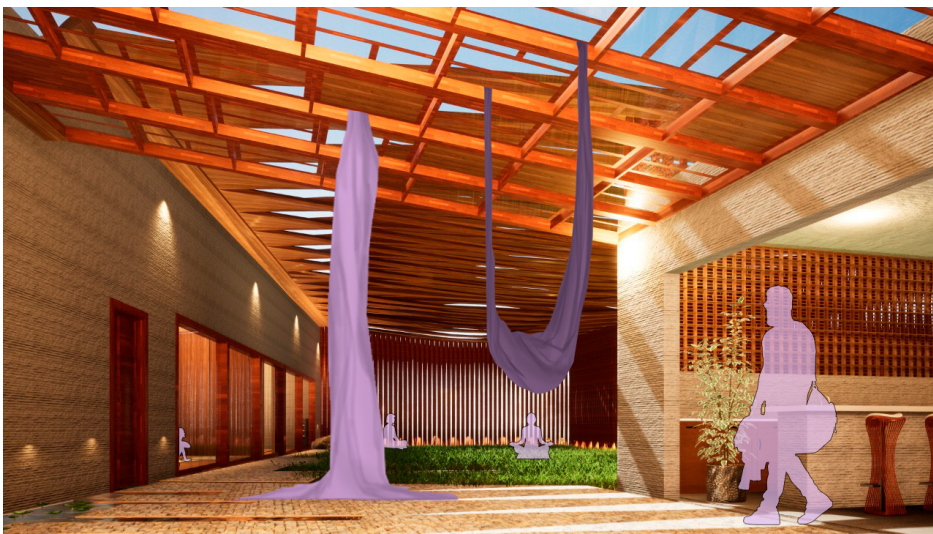


Figura 56: Balanços de tecido sob pergolado.
Fonte: Autora, 2019.

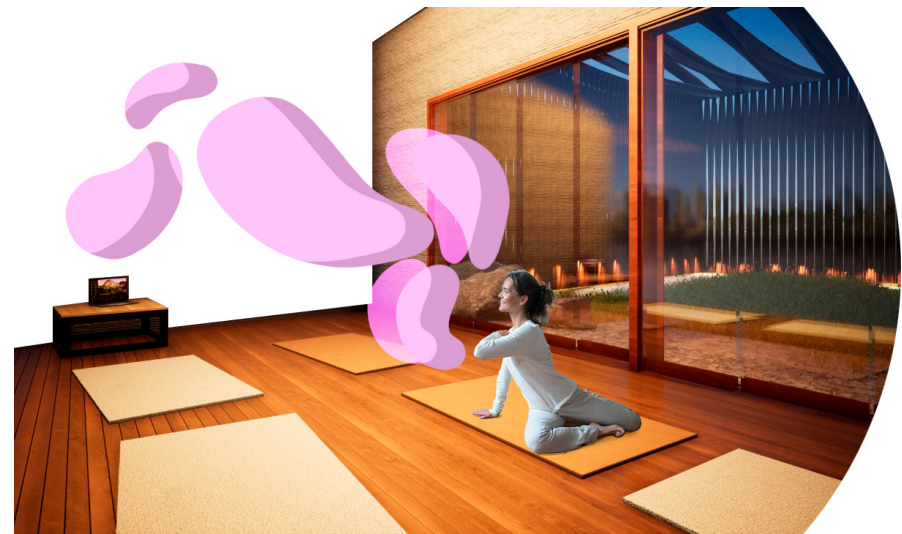


Figura 58: Colagem gráfica sala yoga.
Fonte: Autora, 2019.



Figura 59: Jardim contemplativo.
Fonte: Autora, 2019.

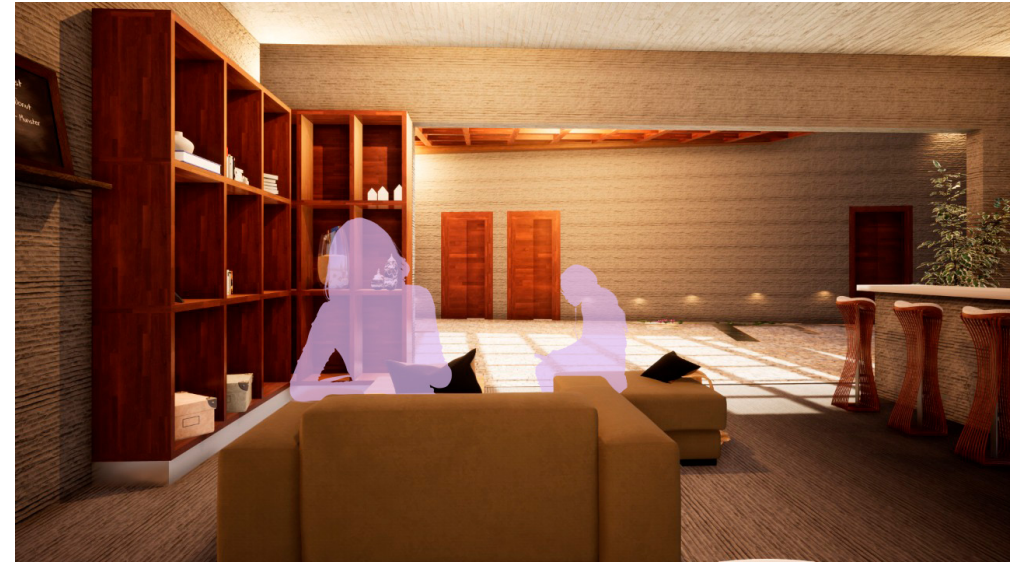


Figura 61: Mini biblioteca.
Fonte: Autora, 2019.

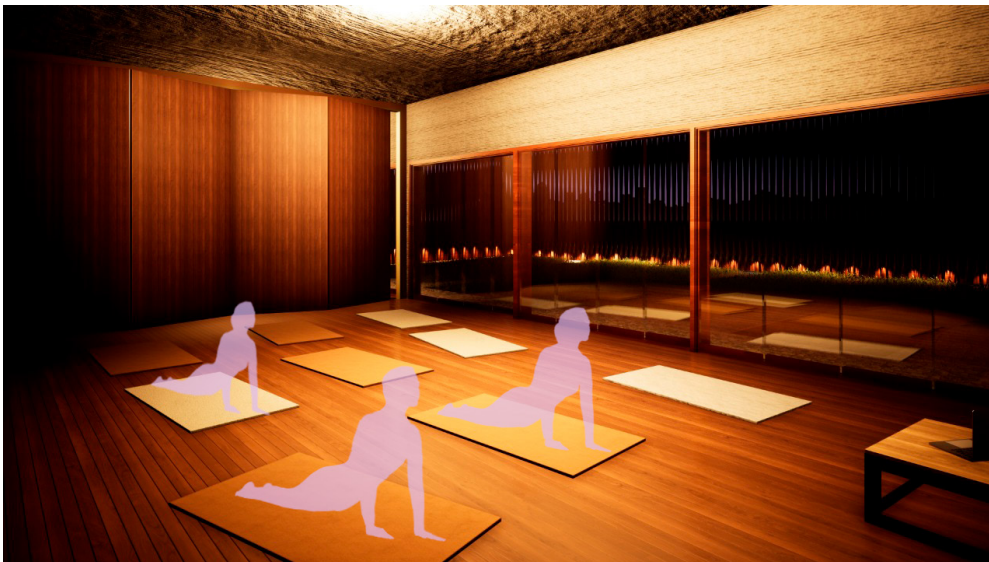


Figura 60: Sala de yoga com iluminação noturna.
Fonte: Autora, 2019.



Figura 62: Relação elementos naturais.
Fonte: Autora, 2019.



Figura 63: Relação jardim e salas de yoga.
Fonte: Autora, 2019.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada de conexão com o “eu” é inerente a existência humana, pode ser dada em maior ou menor grau, mas sua existência é fato. Assim como um processo que se desdobra em facetas, é a arquitetura. A ciência, conhecida como socialmente aplicável, faz o uso do vasto arcabouço conceitual que compreende a existência do ser, para assim ser capaz de traduzir desejos e experiências através de projetos.

O objeto arquitetônico proposto traz essa reflexão a partir de um olhar holístico, onde as facetas se revelam e se fazem relevantes, o encontro entre Yoga e arquitetura revela uma potencialidade sobre o projeto, no qual a arquitetura atua na síntese dos elementos conceituais trazidos pelo Yoga e permite o nascimento de um projeto com um novo olhar para esse encontro.

Findo essa etapa com gratidão à experiência proporcionada pelo processo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, C. E. Os Yoga Sutras de Patanjali. São Paulo: Editora Mantra, 2017.

CAPRA, F. A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas; tradução Mayra Teruya Eichenberg, Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2014.

CAPRA, F. The Hidden Connections. Nova York: Doubleday, 2002

"Crematorium Baumschulenweg / Shultes Frank Architekten" [Crematorium Baumschulenweg / Shultes Frank Architekten] 13 Fev 2013. ArchDaily Brasil. (Trad. Delaqua, Victor) Acessado 25 Nov 2019. <<https://www.archdaily.com.br/95579/crematorium-baumschulenweg-slash-shultes-frank-architekten>> ISSN 0719-8906

"Espaço de Yoga Premavati / Aguirre Arquitetura" 14 Fev 2018. ArchDaily Brasil. Acesso em 02 maio de 2019. <<https://www.archdaily.com.br/br/888520/espaco-de-yoga-premavati-aguirre-arquitetura>>

Franco, José Tomás. "Quais são as chaves de desenho arquitetônico de um espaço de yoga e meditação?" 16 Nov 2016. ArchDaily Brasil. (Trad. Pedrotti, Gabriel) Acesso em 10 de março 2019. <https://www.archdaily.com.br/br/799456/>

quais-sao-as-chaves-de-desenho-arquitetonico-de-um-espaco-de-yoga-e-meditacao

FREIRE, N. Histórias de Santa Rita do Paranaíba. Nilson Freire Blog, 2013. Disponível em:

<<http://nilsonfreirenews.blogspot.com/2013/08/historias-de-santa-rita-do-paranaiba.html>>. Acesso em 12 maio 2019.

FUÃO, Fernando Freitas. O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido? – 1ª parte. Arquitextos, São Paulo, ano 04, n. 048.02, Vitruvius, maio 2004 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/582>>.

IBGE. Cidades do Brasil, Goiás. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/itumbiara/historico>>. Acesso em 5 maio de 2019.

IYENGAR, b.k.s. Light on Yoga. Haper Collins Publishers India, 2003.

Marina de Holanda. "Clássicos da Arquitetura: Igreja sobre a Água / Tadao Ando" 07 Jul 2012. ArchDaily Brasil. Acesso em 09 de Jun 2019. <https://www.archdaily.com.br/58296/classicos-da-arquitetura-igreja-sobre-a-agua-tadao-ando>

METHA, R. Yoga, a arte da integração. Brasília: Editora Teosófica, 1995.

NORBERG-SCHULZ, Christian, 1980, Louis I. Kahn, idea e immagine; edição consultada: 1990, Louis I. Kahn, idea e imagen, Madrid, Xarait Ediciones.

PALLASMAA, Juhani. "A geometria do sentimento: o olhar sobre a fenomenologia da arquitetura". In: NESBITT, Kate (org.). Uma Nova Agenda para a Arquitetura. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

PREFEITURA DE ITUMBIARA. História de Itumbiara. Disponível em: <https://www.itumbiara.go.gov.br/site/home/index.php?p=materias_ver>. Acesso em 15 maio de 2019.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. O conceito de lugar. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 087.10, Vitruvius, ago. 2007 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>>.

"Spa Naman / MIA Design Studio" [Naman Retreat Pure Spa / MIA Design Studio] 03 Ago 2015. ArchDaily Brasil. (Trad. Delaqua, Victor) Acesso em 02 Jun 2019. <<https://www.archdaily.com.br/771240/spa-naman-mia-design-studio>>

Thomas Schielke. "Quando a luz encontra o concreto: reflexões sobre a obra de Tadao Ando" [When Sunlight Meets Tadao Ando's Concrete] 23 Abr 2019. ArchDaily Brasil. (Trad. Libardoni, Vinicius) Acessado 25 Nov 2019. <<https://www.archdaily.com.br/915357/quando-a-luz-encontra-o-concreto-reflexoes-sobre-a-obra-de-tadao-ando>> ISSN 0719-8906

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ZIMMER, H. Filosofias da Índia. São Paulo: Palas Athena, 1986.